

*a Liáhona*

JULHO DE 1964

STEREO



# O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, *Diretor*  
 THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, *Regente*  
 Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



**Pai Nosso (The Lord's Prayer)**  
**Vinde, oh Santos! (Come, come ye Saints)**  
**Bem-aventurados os que choram (Blessed are they that mourn)**  
**Oh, meu Pai! (O, my Father)**  
**Da Côrte Celeste (How great the wisdom and the love)**  
**Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy)**  
**Salmo 148 (148th Psalm)**  
**Eis um menino nos nasceu (For unto us a Child is born)**  
**As lamentações de Davi (David's Lamentations)**  
**Londonderry Air**



**Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)**

● **Robertson: Pai Nosso (The Lord's Prayer)**  
 Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecida elocução cristã tal como se encontra na parte final do Oratório do Livro dos Mormons, de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichtenritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sobre família e religião.

● **Billings: As Lamentações de Davi (David's Lamentations)**  
 Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive Chester, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), ele nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovente do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elie Sigmeyer é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● **Londonderry Air: (Arr. de Ralph Baldwin)**  
 Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes cor-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, ele sentiu que a alma da nação estava toda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para este interesse do que "Londonderry Air" — trabalho de muitos camponês, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores citadinos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contorno melódico sobe três vezes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, estes afáveis camponês elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● **Gounod: Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)**  
 A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católica-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● **McIntyre: Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)**  
 Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa".

● **Holst: Salmo 148 (148th Psalm)**  
 Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado na melodia do Salterio Genebrés (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de terças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sobre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, todas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● **Gates: Oh, Meu Pai! (O, My Father)**  
 Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuía profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinariamente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de uma melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de reaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interesse deste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa obrigato no segundo verso, que soa nostálgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● **Wilhousky: Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)**  
 De uma experiência estética com as flores de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Wilhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultaneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, e temporariamente interrompido por uma secção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Aleluia! Amém!"

Notas de JAY WELCH  
 Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo

"CBS" Marcas Registradas - Indústria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

# índice

Sob o Sacerdócio e segundo um padrão do Sacerdócio .....	6
Um anjo visitou esta casa .....	8
Capturado .....	12
Com a palavra a Missão Sul .....	27

## ARTIGO ESPECIAL

Utilize melhor as estradas de rodagem .....	30
---	----

## SEÇÕES

Jóias do pensamento .....	3
Editorial .....	4
Mensagem dos Mestres Visitantes .....	14
Juventude da Promessa .....	15
Jesus, o Cristo .....	20
Sacerdócio nas missões .....	28
Poesia .....	31

# a l i a h o n a

JULHO DE 1964

VOL. XVIII — N.º 7

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da  
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

### Editôres

Finn B. Paulsen  
Wayne M. Beck

### Redatoras

Diva Ferreira  
Regina Kauag

### Fotógrafo

Bruce LeRoy Christensen

### Circulação

Maria Tereza Covacs

### Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,  
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:  
80-4638.

### Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,  
Curitiba, PR, fone: 4-8016

### PREÇOS:

Exterior: ANO ....	US\$ 4.00
No Brasil: ANO ...	Cr\$ 500,00
Exemplar: .....	Cr\$ 50,00

Registrado sob N.º 93 do Livro B,  
N.º 1 e Matrículas de Oficinas Im-  
pressoras Jornais e Periódicos, con-  
forme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930.  
Composto e impresso na Edit. Gráf.  
Rossolillo Ltda.- R. Rui Barbosa, 333,  
S. Paulo.

Julho de 1964

## Jóias do Pensamento

### ERROS... E LIÇÕES APRENDIDAS

RICHARD L. EVANS

Certamente pareceria repetição dizer que todos nós cometemos erros — erros, muitas vezes, seguidos de arrependimento sincero — arrependimento de coisas que desejaríamos haver dito ou feito ou desejaríamos não haver dito ou feito.

Quando cometemos erros, conversamos com nossa consciência, às vezes justificando, outras racionalizando, tentando vencer as acusações interiores ou chegando ao lamentável extremo de achar que não há nada que possa ser feito com relação ao que fizemos ou deixamos de fazer, resignamo-nos com as falhas cometidas.

Entretanto, nem a autojustificação nem a resignação são sadias. A única atitude aceitável está em encarar os fatos e fazer alguma coisa em relação a eles, melhorando e se arrependendo.

É importante que o Senhor nos haja dado o princípio de arrependimento. Certamente sabia que necessitávamos d'Ele. E, sem dúvida, não no-lo teria dado se não desejasse aceitar nosso arrependimento.

Dentro dos limites desta vida imperfeita, haverá sempre algum arrependimento. E não importa quais as decisões que fazemos ou deixamos de fazer, sempre gostaríamos de saber o que aconteceria se tivéssemos agido diferentemente. Mas, não podemos voltar atrás. É preciso lembrar que espedirar a vida em arrependimentos vãos, ociosos, dos quais não aprendemos nada, e que em nada nos auxiliam para o futuro é pior que a destruição.

De qualquer erro devemos aprender uma lição. Se não, não há paz nem progresso. "Não deixe que o sono caia sobre teus olhos", disse Pitágoras, (filósofo grego, 582-500 A.C.) "até que hajais revisto três vezes as tuas ações do dia passado. Onde me afastei da retidão? O que fiz? O que deveria ter feito e deixei de fazer?"

"Inspeccione o ambiente de tua vida", disse Jean Paul Richter (escritor alemão, 1763-1826), "cada prateleira, cada canto de tua habitação". "Não há maior prazer", disse Mencius (sábio chinês, 385-289 A.C.), "que ser consciente da sinceridade da auto-análise."

Seria bom que todos nós fizéssemos uma auto-análise sincera, e em cada erro observássemos se há uma lição aprendida, de forma que o arrependimento não seja infrutífero e inútil; de maneira que haja paz, arrependimento e progresso no futuro.

(A Palavra Proferida, apresentada pela KSL e Columbia Broadcasting System, 20 de janeiro de 1963.)



Presidente e Sister David O. McKay

Lembro-me que quando era adolescente uma vez fui a South Fork, perto do Rio de Ogden, por uma estrada poeirenta. Naquele tempo não havia estradas pavimentadas. O arrôio da primavera (nome de uma espécie de planta) estava borbotando. Buxos de rosa silvestre adornavam o caminho, mas as flôres estavam cobertas pela poeira deixada por todos os viajantes e pelos homens que passavam com as pesadas carroças que arrastavam madeiras de construção na velha via.

Eu não parei para apanhar uma rosa da estrada, mas depois de haver caminhado mais de um quilômetro virei-me para a esquerda, onde havia um prado, bem abaixo do canal da montanha. Havia a mesma espécie de rosas florescendo à luz do sol, mas beijadas apenas pelo orvalho da manhã, limpas da poeira de todos os viajantes que passavam.

Desci do meu cavalo para apanhar aquela rosa e pensei: "É esta a espécie de garôta que eu gostaria de escolher um dia para minha esposa — uma mulher recatada, pura e imaculada pela poeira".

É esta a espécie de moça que todo rapaz deveria gostar de escolher, se amar a verdade em seu coração e tiver dentro de si o amor pela honra, beleza e pureza.

Esta é uma parte do conselho que, às vezes, dei, quando tive oportunidade de realizar casamentos de jovens no templo. Partilho isto com vocês agora.

O casamento não é algo em que se deve entrar displicentemente, nem terminar no prazer, ou na primeira dificuldade que surge na jornada pela estrada do casamento.

Há algo mais que um instinto, que é muito mais belo e santo em nossas vidas e que une suas vidas em uma, e esse algo é o amor, o atributo mais divino da alma humana. Não há dificuldade, não há tristeza, não há sucesso, não há fama, não há riqueza, não há nada no mun-

do que possa separar dois corações que estão ligados pelo colchêto do amor e selados pela autoridade do Santo Sacerdócio.

Quanto mais me desenvolvo e ginho experiência, mais fico convencido de que há três condições fundamentais que todo casal deve conservar em mente — não apenas os que acabam de entrar na estrada da vida de casados, mas todos nós que já estamos nela há muito tempo.

A primeira condição que contribui para o amor, o seu alimento, está associada à simples palavra delicadeza. Uma frase proeminente no Salmo do Amor é esta: "O amor é sofredor, é benigno". (I Cor. 13:4) Que filosofia há nessa sentença! Não conheço nada que uma noiva mais aprecie, particularmente durante os primeiros meses ou anos do que posso chamar de período amálgama, que a delicadeza e gentileza por parte do espôso.

Desenvolvendo naturalmente tal sentimento surgem tons gentis e atos ponderados. A voz tem muita relação com a felicidade, harmonia, compatibilidade. Acho que foi esta idéia que fez com que alguém dissesse que um casal nunca deve falar em altos brados entre si, a menos que a casa esteja pegando fogo.

Entretanto, mais importante que os tons gentis são os atos gentis de consideração entre um e outro; em uma palavra, cortesia após o casamento. Devemos nos lembrar de ser cortêses uns para com os outros; pois, às vêzes, com a vida atribulada de hoje, o marido e a espôsa se esquecem de manter a cortesia no lar. Isto é particularmente importante quando há crianças, pois elas observam estas coisas e serão muito influenciadas pelas ações de seus pais.

Porém, mais importante que o sentimento de delicadeza e mais importante que a cortesia ou atos ponderados por parte do cônjuge, é a terceira condição, que se resume nesta sentença: "O amor tudo crê" (Ibid.

13:7.) A confiança e crença é que perpetuam o amor. Talvez você não entenda agora, mas essa doce confiança que você tem com referência a esta adorável garôta é a mais gloriosa possessão que um espôso pode nutrir — mais gloriosa que terras, riquezas, fama — a máxima confiança de que ela é tão pura quanto o véu nupcial que cai sôbre seus ombros, tão recatada como a réstea de sol. E ela deve ter a mesma confiança em você, por saber que é igualmente digno à paternidade. Esta confiança é o elemento supremo e sublime em que prospera o amor. Acredito que não há valor mais elevado em todo o mundo e desejaria que todos os jovens entendessem o que significa para o futuro a harmonia e felicidade ao iniciar a vida matrimonial em pureza e com um convênio unindo cada um à suprema lealdade e fidelidade.

Lembre-se sempre que o amor é a flor tenra, cujas raízes estão no coração humano. Ele se perpetua no elemento de confiança, como a rosa floresce com o brilho do sol e o orvalho da manhã. Mas numa atmosfera de confiança, suspeita e dúvida, murchará e perecerá. A fidelidade e constância são para a pequena flôr da alma o que o sol é para a rosa.

Seja sempre você mesmo — o melhor de você — não importa em que circunstâncias ou em que companhia se encontre. Mantenha-se imaculado.

Tente sempre ser útil a seu próximo através da organização divina da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A aderência a estas sugestões o fará rico de amigos e bênçãos das mais escolhidas.

O casamento realizado no templo é o comêço da viagem conjunta numa estrada — uma estrada que nunca terá fim. As alegrias eternas podem ser apreciadas no templo. Que essas alegrias sejam suas — juntos — se vocês seguirem os princípios eternos que são delineados no dia de seu casamento na casa do Senhor.

# A terna flor do amor

Editorial por Presidente David O. McKay

# “...Sob o Sacerdócio e segundo u

As dezoito mulheres que foram fundadoras da Sociedade de Socorro em 1842, não sabiam que espécie de organização o Profeta Joseph Smith lhes daria — o que o Pai Celestial reservara para suas filhas. Entretanto, o Profeta disse: “Eu organizarei as irmãs sob o Sacerdócio e segundo um padrão do Sacerdócio.” Naquela época não havia auxiliares do Sacerdócio — não havia auxiliares na Igreja. Algumas irmãs ficaram então pensando no significado daquelas palavras — “segundo um padrão do Sacerdócio”.

Não permaneceram em dúvida por muito tempo. A esposa do Profeta, Emma Smith, foi escolhida como presidente na primeira reunião. Foi-lhe dito que escolhesse duas conselheiras. Assim, o padrão seguido foi o mesmo estabelecido para o Sacerdócio: um grupo de três oficiais presidentes.

A seção 25 de Doutrina e Convênios, dada em julho de 1830, é endereçada a Emma Smith, a esposa do Profeta. Nessa seção Emma foi citada como uma mulher eleita. Quando tornou-se Presidente da Sociedade Feminina de Socorro da Cidade de Nauvoo, o Profeta disse: “Dei muitas instruções, li no Novo Testamento e no Livro de Doutrina e Convênios com respeito à Mulher Eleita, e mostrei que eleita significava ser escolhida para um certo trabalho etc., e que a revelação foi cumprida quando irmã Emma foi eleita para a Presidência da Sociedade de Socorro. Tendo sido previamente ordenada para explicar as escrituras, Emma foi abençoada e suas conselheiras foram designadas pelo Élder John Taylor.” (Do livro “Documentary History of the Church”, págs. 552-553.)

As duas conselheiras que Emma escolheu possuíam as qualidades que ela sentia que eram necessárias em sua presidência, a fim de levar a cabo as instruções que haviam sido dadas às irmãs na reunião de organização.

\* \* \*

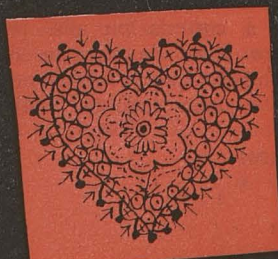
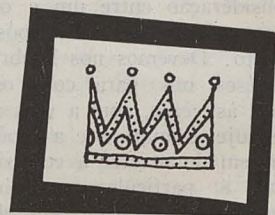
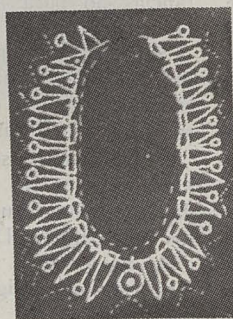
Foi um choque para Teresa Gomes quando o Presidente do Ramo, Presidente Martins, perguntou-lhe se poderia visitá-la. Disse-lhe que seus conselheiros estariam com ele e pediu que não mencionasse a visita a ninguém.

Na noite seguinte o jantar foi servido pontualmente, a fim de dar tempo à irmã Gomes para lavar a louça e arrumar a sala antes que os irmãos chegassem. Quando as crianças souberam que a Presidência do Ramo viria visitá-los, reuniram-se num quarto para estudar suas lições, permitindo assim que a reunião fôsse particular.

Às 19:30 horas, chegaram os irmãos. O senhor Gomes saudou-os, convidando-os a entrar, e depois desculpou-se, alegando ter negócios a tratar. Irmã Gomes dissera-lhe que eles viriam falar com ela.

“Irmã Gomes”, disse o Presidente Martins depois de todos estarem acomodados, “temos observado sua fé e devoção à Igreja, os ensinamentos que dá a seus três filhos, a forma pela qual mantém sua família unida, mesmo que seu marido ainda não seja membro da Igreja. Queremos pedir-lhe que seja a nova Presidente da Sociedade de Socorro.” Irmã Gomes nunca imaginara isso antes. Havia pensado, sim, que talvez a convidassem para ser a professora da classe de Manuel na Escola Dominical, pois a professora estava de mudança, mas nunca em ser a Presidente da Sociedade de Socorro! Ela estava na Igreja há somente um ano e havia irmãs que eram membros há anos e anos. Não, não se sentia digna nem capaz. Ele cortou suas objeções. “Irmã Gomes, consideramos muito este assunto, e oramos a respeito dêle, e a presidência está unida ao pedir-lhe que aceite o chamado.”

Irmã Gomes calou-se. Sabia que um chamado do Sacerdócio, que agia sob inspiração e no poder de seu ofício deveria ser aceito. Assegurou ao Presidente Martins que aceitaria o cargo e faria o que estivesse a seu alcance para bem cumprir o chamado, se seu marido consentisse.



# o um padrão do Sacerdócio..."

"Como sabe, terá duas conselheiras para ajudá-la — uma ficará encarregada das aulas e a outra das atividades do dia de trabalho, mas as três trabalharão como uma em tudo. Sômente a senhora visitará os necessitados do ramo, conforme eu a orientar, e também se encarregará do trabalho das professôras visitantes. Não se apresse, Irmã Gomes, pois a senhora quererá escolher as conselheiras mais adequadas. Quando tiver escolhido duas, submeta seus nomes a mim, e nós os consideraremos. Vocês três poderão então discutir quem gostariam de ter como secretária-tesoureira e submeter seu nome a mim. Tem uma cópia do "Manual de Instruções da Sociedade de Socorro", Irmã Gomes? Ao ler os deveres de cada uma das três, será mais fácil escolher duas conselheiras.

Tudo parecia tão confuso para ela — tantas coisas estavam sendo exigidas dela de uma só vez! Mas ela possuía um Manual. A presidência da Sociedade de Socorro do Distrito exortara as irmãs a adquirirem uma cópia, se pudessem, para assim aprenderem tudo o que fôsse possível sobre a Sociedade de Socorro e obedecerem às regras da organização para todo o mundo. E ela já lera bastante.

"Talvez domingo de manhã, antes da Escola Dominical, possamos reunir-nos, Irmã Gomes, e a senhora poderá então indicar-nos os nomes que sugere, provavelmente uns três ou quatro. Estamos ansiosos para completar a organização a tempo, para que vocês tenham tôdas as oficiais antes do início das reuniões semanais, daqui a um mês. Gostaríamos de saber qual será a atitude de seu marido e, se ele consentir, fale a seus filhos, a fim de que eles também a apoiem neste importante chamado."

Depois da saída da Presidência do Ramo, Irmã Gomes automaticamente arrumou as cadeiras e a sala novamente assumiu sua aparência normal, apesar de seu coração não estar batendo normalmente. Logo depois, quando seu marido chegou, abraçou-o exclamando: "O Presidente Martins pediu-me para ser a presidente da Sociedade

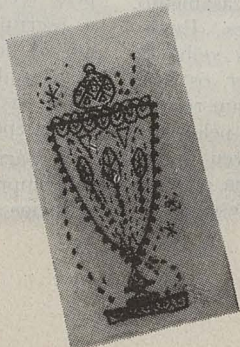
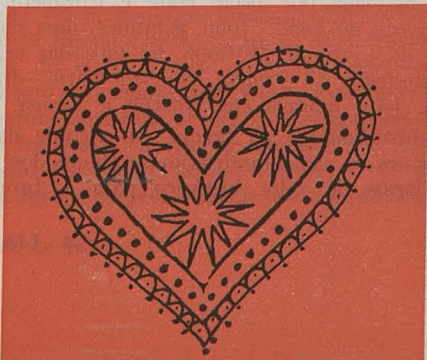
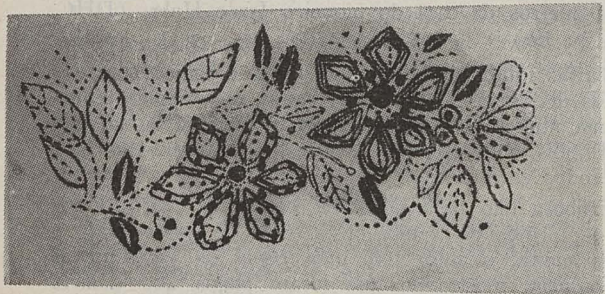
de Socorro do Ramo. Você acha que eu posso sê-lo? Lembra-se de Irmã Gonçalves, a que viu na reunião em que eu cantei com as Mãezinhas Cantoras? Ela tem tido muito mais experiência e foi professôra. Acho que não sou capaz de ser a presidente."

"Claro que você é capaz", respondeu o senhor Gomes. "Estou feliz que eles tenham pedido a você." Uma alegria imensa aqueceu o coração de Teresa — seu marido desejava que ela aceitasse.

No domingo seguinte irmã Gomes encontrava-se no escritório da Presidência. "Pensei em três senhoras, Presidente Martins", iniciou ela, "e gostaria que Irmã Flôres fôsse a conselheira da parte educacional e Irmã Tavares a conselheira de trabalhos. Pensei também na Irmã Moraes, mas talvez ela não esteja muito bem."

"Penso que sua escolha foi excelente, Irmã Gomes. De qualquer modo, temos já outro cargo para Irmã Moraes. Pedimos-lhe que fale com as duas irmãs, e elas poderão consultar seus maridos. No próximo domingo queremos reunir-nos com as três, e no domingo seguinte apresentaremos o nome da presidência da Sociedade de Socorro para o voto de apóio, e então as designaremos a seus cargos e vocês poderão proceder a escolha da secretária-tesoureira e outras ajudantes que venham a necessitar. Notamos que a senhora escolheu irmãs que têm desejo de servir ao Senhor. Mesmo que elas sintam que não possuem algumas qualificações para seus chamados, serão fiéis e procurarão cumprir seus chamados com toda a diligência. Se o tempo permitir, reunir-nos-emos consigo quando pedir a estas irmãs que sejam suas conselheiras, mas se tal não fôr possível, teremos uma reunião com as três no próximo domingo. Vocês serão um exemplo para as irmãs em sua freqüência às reuniões sacramentais e na obediência aos ensinamentos do Evangelho. Precisarão do apóio completo de suas famílias.

"Que o Senhor a abençoe, Irmã Gomes."





A primeira casa de propriedade de Joseph Smith, o Profeta aparece na parte central da figura 1. Essa fotografia foi tirada em 1903 por Ralph B. Norton, da cidade de Susquehanna. As duas extensões que a ladeiam não existiam quando o Profeta, aos 21 anos, a comprou. A escritura mostra que ele hipotecou os 52.000 m<sup>2</sup> de terra com a casa de Isaac Hale, pai de sua esposa, por 200 dólares.

(As figuras 2 e 3 são fotografias de desenhos da casa de Joseph Smith perto do Rio Susquehanna. Esta pequena casa foi reconstruída pelo arquiteto Ralph B. Norton. Ele esteve na casa do Profeta muitas vezes antes de ela ser destruída pelo fogo. O autor foi muito auxiliado através de cartas e fotografias das três pessoas que aparecem na figura 1.)

O Profeta, escrevendo que ele e sua esposa haviam deixado a casa do Pai Smith e chegado em Harmony, Pennsylvania, em dezembro de 1827, não diz nada de sua viagem em carroça, com sua esposa que esperava seu primeiro filho para o começo do verão. Esta viagem de quatro dias, levando todos os seus pertences e registros sagrados, passou quase despercebida.

A mãe, entretanto, dá alguns detalhes, dizendo que Emma não via seus pais e irmãos desde o seu casamento, em 18 de janeiro de 1827, quase um ano antes. Então, os Hale mandaram seu filho Alva, irmão mais velho de Emma, encontrar o casal e ajudá-los a trazer os seus pertences para uma das casas dos Hale, onde iriam residir.

Em virtude da grande perseguição sofrida pelo Profeta na casa dos Smith, até que Joseph resolveu mudar para o sul com seu tesouro. Mesmo assim, uma ou duas vezes foram alcançados durante a viagem por desordeiros.

Sentindo inspiração de que a sua carroça seria pilhada pela população, Joseph preparou-se escondendo o tesouro numa pequena caixa, a qual colocou no fundo de um barril de 18 litros.

Falando desses dias o Profeta escreve que o Senhor realmente o ajudou muito. Em meio à "perseguição encontramos um amigo na pessoa de Martin Harris, que se aproximou de nós e deu-nos 50 dólares para nos ajudar na viagem... Com este auxílio fui capaz de chegar ao meu destino na Pennsylvania e também pagar uma pequena casa que comprei imediatamente, ficando apenas há 140 metros da casa do pioneiro Isaac Hale. (DHC, vol. 1, p. 19.)

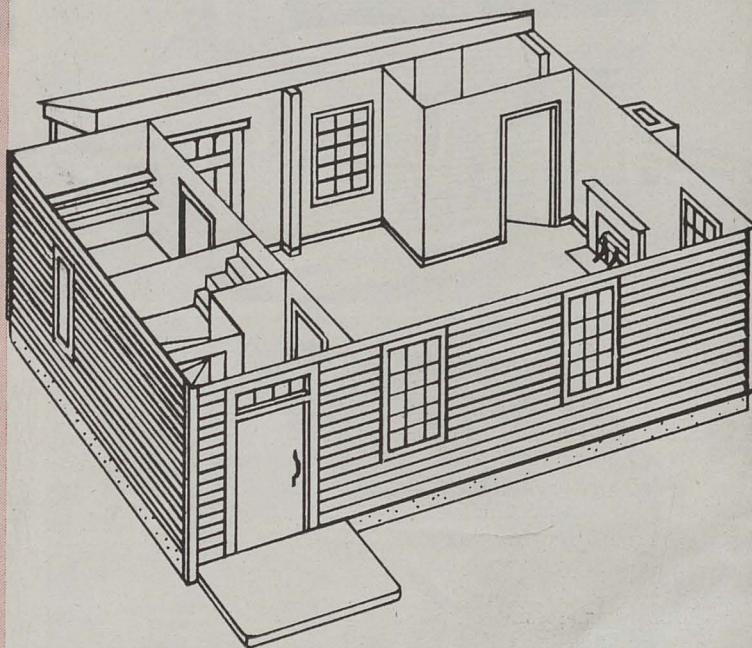
Várias fontes declaram que Jesse, o mais velho dos 9 filhos de Isaac Hale, morou nessa casa algum tempo com sua numerosa família. Nessa ocasião havia mudado para Illinois, onde, segundo nos conta a história dos Hale, estão todos enterrados.

Embora não haja nenhuma cópia do contrato que reze os termos da venda desta casa de Jesse Hale a Joseph Smith, o autor tem uma cópia da escritura de transferência, mostrando que foram pagos 200 dólares pelo terreno. O contrato foi efetuado pelo Profeta e a escritura assinada por Isaac Hale e Elizabeth Hale, em 25 de agosto de 1830. John Whitmer, uma das oito testemunhas do Livro de Mórmon, foi uma das testemunhas da transação. O Profeta, em seu diário, diz que, nessa época, John morava com Joseph e Emma.

Vários historiadores da Igreja, em virtude da falta de comprovantes da exata localização de alguns dos velhos edifícios e locais de valor histórico para a Igreja na

# UM ANJO VISITOU ESTA CASA

POR CARTER E. GRANT



O desenho mostra o primeiro andar da casa. O quarto ficava ao lado direito. (fig. 2)

região de Susquehanna, se confundiam quanto ao local dos acontecimentos. Por exemplo, por ocasião da publicação do livro *A Comprehensive History of the Church*, 1930, por B. H. Roberts, parece que não sabiam da existência de duas casas de propriedade de Isaac Hale — a sua própria casa e a de Jesse Hale. Na página 100 desse livro aparece uma fotografia da pequena casa com duas grandes extensões. A legenda diz: “Casa de Isaac Hale”. Então segue a seguinte explicação: “Harmony Pennsylvania, residência temporária de Joseph Smith e Oliver Cowdery, enquanto traduziam uma boa parte do Livro de Mórmon”. Outros autores chamaram-na simplesmente de casa do Profeta Joseph Smith, sem fazer qualquer outra explicação, deixando o leitor acreditar que, em certa ocasião, Joseph Smith foi seu proprietário.

Depois que Joseph mudou-se para Kirtland, Ohio, vendeu sua casa em Susquehanna, em 23 de junho de 1833, para Joseph McKune, por 300 dólares. Este adicionou sua casa de seis cômodos, que ficava no pé do monte, à casa de Joseph. Mais tarde, um outro dono Anliza Barnes, em 1906 juntou mais uma extensão de oito cômodos, transformando-a numa casa de desessete cômodos e três salas, incluindo a casa original do Profeta.

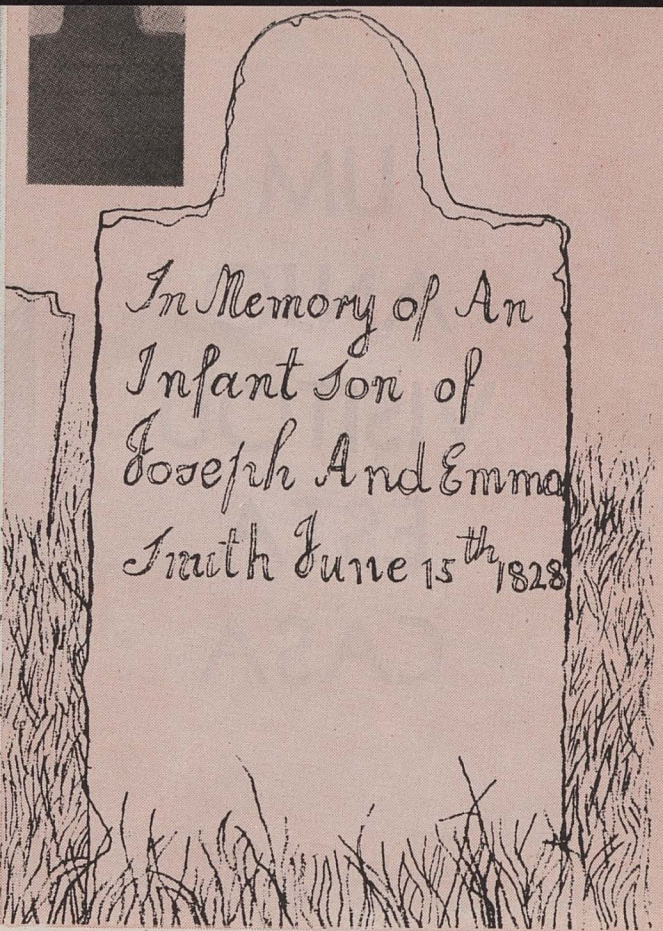
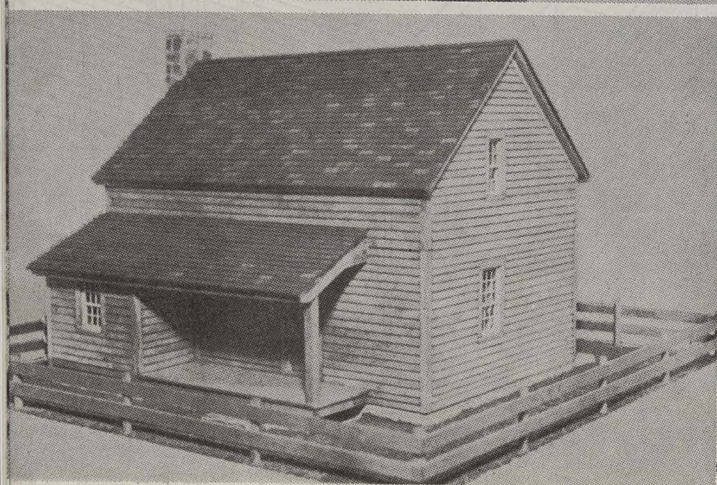
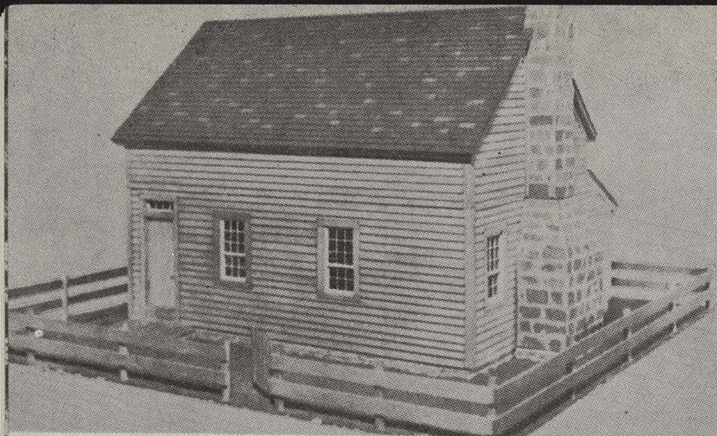
Registros atuais afirmam que a casa onde Emma Hale nasceu ficava mais ou menos a 140 m de distância da casa de Joseph Smith. Hoje os alicerces da “casa incendiada de Hale” ainda estão no lugar, embora tenham sido bem aumentados por Miles Doolittle em 1880, quando construiu uma casa de dez a doze cômodos. O autor tem uma fotografia da casa de Doolittle na velha fazenda, na ocasião em que foi comprada, em 15 de junho de 1948, pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sendo que esta casa ficou vazia por muito tempo e já estava caindo aos pedaços, o então presidente da Missão dos Estados do Leste, Élder George Q. Morris, derubou-a em 1951-52 e vendeu as madeiras velhas.

Rex B. Haws, agora falecido, filho da senhora Haws, que aparece de pé na porta com sua filha, na figura 1, dá esta descrição autêntica da casa do Profeta: “A casa de Joseph Smith era de madeira. No corredor de entrada havia duas portas — uma levava a um sótão no andar superior e outra à cosinha. Havia uma escada embaixo da escada que levava ao sótão, a qual descia para um porão. Tenho lembranças muito agradáveis de meu tempo de criança e jovem naquela casa. Dávamos leite a dez ou doze vacas e a três cavalos. Cultivávamos a terra perto do rio Susquehanna e tínhamos plantado trigo, aveia, milho, batatas etc. Havia um riachozinho à beira do monte, do lado sul da casa, que ainda corre em direção sul, perto do lugar onde foi restaurado o Sacerdócio Aarônico.”

Helen Haws Harvey, parente distante de Emma Smith, numa carta escrita ao autor, diz que é a garôta que está de pé perto de sua mãe na figura 1. Conta que nasceu no mesmo quarto que o primeiro filho de Emma Smith, que foi enterrado no cemitério McKune. “Eu realmente gostaria que o senhor entendesse, sr. Grant — escreve ela — as doces lembranças que tenho do lugar de meu nascimento e meu lar durante quase doze anos — a casa dos Smith. Nenhuma outra casa a pode igualar.”

Na mesma carta afirma que, segundo seus ancestrais, o Profeta usava o sótão para fazer suas traduções. Diz também: “...da sala de traduções eu podia ver o pequeno cemitério e a sepultura do primeiro filho dos Smith, enterrado na quadra vizinha à de minha bisavó Rhoda



Skinner, parteira em seu nascimento.” A pedra original que ainda marca a sepultura, diz: “Em memória de um filho de Joseph e Emma Smith, 15 de junho de 1828”.

A parteira Rhoda Skinner, parente de Emma Hale, era esposa de Jacob Skinner, que morava cerca de uma milha distante da casa de Emma. Ele e sua esposa mudaram-se para lá treze anos antes do nascimento do filho de Emma.

Margaret Haws Lillie, em 19 de agosto de 1962 escreve: “Eu sou a garôta que está perto da manivela do poço que, é preciso que explique, na foto, não aparece em cima do poço, pois a manivela foi mudada de lugar para que pudesse aparecer na fotografia. O poço era atrás do tapume, quase em frente à porta da cozinha, onde estão minha mãe e irmã.”

A senhora Rex B. Haws, em sua carta, diz que duvida que o poço já estivesse lá na ocasião em que Joseph morava lá, pois imagina que os Smith costumavam apanhar sua água no riacho que ficava ao pé do monte, de propriedade da Erie Railroad Company.

Falando do porão que ficava embaixo da casa, diz a senhora Lillie que era utilizado para armazenamento de frutas enlatadas e vegetais para uso e para venda.

Referindo-se ao nascimento do primeiro filho de Emma, Margaret confirma as palavras de sua irmã: “Minha avó Rhoda Skinner foi a parteira que assistiu o nascimento do primeiro filho de Emma e Joseph Smith. Meu avô Nathan Skinner sempre nos contava de sua mãe... Moramos na casa de Joseph Smith desde 12 de fevereiro de 1898 até novembro de 1909.” (Veja a fotografia de Nathan Skinner na figura 4, tirada em 1907. Ele era filho de Rhoda e Jacob Skinner.)

Helen Harvey afirma que nasceu “na casa de Joseph Smith e na mesma cama em que Emma deu à luz seu primeiro filho, eu sempre cuidava da pequena sepultura colocando flores. Parecia parte de meus deveres caseiros.” Diz que a irmã de seu avô era casada com o irmão de Isaac Hale, que tinha parentesco com muitas famílias da região do Rio Susquehanna. A esta “casa de três cômodos com um grande sótão no andar superior e um porão — como alguém a descreveu — que parecia construída com propósitos do Senhor, veio Martin Harris pouco depois de o Profeta, de acordo com suas próprias palavras, “haver copiado boa parte dos caracteres dos registros sagrados e traduzido por meio do Urim e Tumim.” (DHC, vol. 1, p. 19.)

Alguns destes caracteres é que foram levados por Martin Harris a professores. Satisfeito, tornou-se escriba do Profeta de 12 de abril a 14 de junho de 1828.

Nathan Skinner, proprietário da casa que aparece na figura 4, tinha quatro anos de idade quando Joseph Smith e Emma moravam na casa original de três cômodos. Dois de seus netos contam que seu avô falava que muitas vezes sua mãe Rhoda mencionava que Joseph e seus amigos estavam traduzindo “placas de ouro” no sótão da casa. Parece que Joseph e Martin praticamente se “escondiam” enquanto traduziam. Este mesmo processo foi seguido por Joseph e Oliver Cowdery de 7 de abril de 1829 a 1.º de junho do mesmo ano, enquanto a maior parte de nosso Livro de Mórmon era traduzido.

Joseph Smith escreve que foi admoestado pelo anjo Moroni que se mantivesse em reclusão enquanto traduzia o registro de ouro. O anjo disse que ele seria destruído caso mostrasse os anais sagrados a qualquer que não



as pessoas ordenadas por êle. (P.G.V., Joseph Smith, 2:52.) Foi nesta casa ou em suas proximidades que Joseph recebeu quinze revelações. (Seções 3-13 e 24-27.)

Em certa ocasião, parece que Emma reclamou com seu marido por não ter tido o privilégio de ver as placas. O Senhor então fez uma revelação a ela, através de seu marido: "Não murmures por causa das coisas que não vistes, pois as retenho de ti e do mundo, e em tempo futuro se provará ter sido sábio o que fiz." (D&C 25:4.) Foi nesta revelação que foi pedido a Emma que escolhesse alguns hinos para a nova Igreja.

Perto desta casa, em 1830, enquanto Joseph estava a caminho para ir comprar vinho para uma Reunião Sacramental especial que realizaria em sua casa, um anjo lhe apareceu em glória magnificente, declarando: "Ouve a voz de Jesus Cristo, teu Senhor, teu Redentor, cuja palavra é viva e eficaz." (idem 27:1) Então, o Profeta recebeu instruções que eventualmente levaram ao uso da água no Sacramento.

Logo após esta visão, o Profeta realizou uma reunião com quatro outros crentes e confirmou sua esposa Emma e Sally Knight, esposa de Newel Knight. Registra que quando administraram o "Sacramento usando vinho de nossa própria fabricação... o Espírito do Senhor derramou-se sobre nós, louvamos ao Senhor e regozijamos grandemente." (DHC, vol. 1, pp. 106-108) Essas reuniões sagradas devem ter sido realizadas na "sala de traduções" — no sótão, onde nenhuma pessoa poderia entrar se não fosse convidada.

Pouco depois que Martin Harris perdeu as 116 páginas do manuscrito da tradução do resumo de Mórmon, Moroni veio a esta casa e levou os registros sagrados do

Profeta. Passados alguns dias, entretanto, após contínuas orações e honestas súplicas de perdão de suas faltas, diz Joseph que Moroni voltou com as placas e o Urim e Tumim e disse que o Profeta olhasse dentro do Urim e Tumim. (D&C seção 3) As placas foram, então, retiradas novamente. Poucos dias depois, escreve Joseph Smith, numa terceira aparição de Moroni, as placas mais uma vez foram devolvidas. (D&C 10; DHC, vol. 1, pp. 21-28.)

De tempo em tempo, enquanto Joseph e Oliver se apressavam no trabalho de tradução, continuaram a encontrar afirmações dos profetas do Livro de Mórmon de que era necessário o batismo para a salvação. (Veja "batismo" no índice do Livro de Mórmon.)

Num desses dias, diz o Profeta que em 15 de maio de 1829, os dois pararam suas traduções e foram para perto do Rio Susquehanna. Haviam decidido fazer uma oração sincera a respeito do assunto. Poucos minutos depois, enquanto ambos estavam ajoelhados em súplica, a glória de Deus os rodeou e João Batista colocou suas mãos sobre os dois e concedeu-lhes o Sacerdócio Aarônico. Êle também deu-lhes instruções sobre o batismo. (Para detalhes deste evento glorioso, veja DHC, vol. 1, pp. 42-43; D&C 13; The Kingdom of God Restored, Carter E. Grant, pp. 75-79.)

Recentemente a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias adquiriu três lugares históricos na pitoresca margem do Rio Susquehanna. Em 7 de fevereiro de 1947, a fazenda de Joseph McKune, que inclui o local da casa do Profeta; em 16 de julho de 1948, a fazenda de Isaac Hale; e então em 15 de maio de 1959, "130.º aniversário da vinda de João Batista", a Igreja comprou a região onde se acredita foi restaurado o Sacerdócio Aarônico.

# Capturado

STERLING W. SILL  
*Assistente do Conselho dos Doze*

Um naturalista americano estava certa vez andando à beira-mar, procurando espécimens interessantes da fauna marinha, quando teve sua atenção despertada por alguma coisa grande e estranha que pousava boiando a flor d'água, logo à sua frente. Examinando, ele viu tratar-se de uma imensa ave, uma águia americana, com um grande grilhão de aço prêsos num dos pés.

A trezentas milhas dali, numa montanha íngreme e escarpada, esta grande águia americana, que é símbolo da liberdade e o emblema do poder e da coragem, num rápido vôo, desceu do alto dos céus para apanhar um tentador petisco. No ato de apanhar o petisco, a águia pisou na grade de uma cruel armadilha de aço. A nobre ave, então, começou a lutar com tóda a sua força, e tanto pulou, puxou e batalhou que finalmente quebrou a corrente e fugiu, voando com o grilhão ao qual uma parte da armadilha ainda estava atada.

A águia tinha reconquistado liberdade bastante para voar por três milhas, mas ainda assim estava completamente atrapalhada. Ela tinha que continuar suportando a tortura dos dentes de aço, inexoravelmente trincando sua perna, e, em adição à dôr constante, agora era incapaz de juntar-se ao seu antigo bando e seguir com suas companheiras. Também encontrava grandes obstáculos em obter o alimento necessário a fim de poder manter-se viva.

Podemos traçar um paralelo perfeito entre a experiência da águia e a vida humana. Esta grande águia, após semanas de sofrimento e exaustão, cansada da luta, atormentada pela fome, amargurada pela solidão e torturada pelo desespero, caiu à beira d'água para morrer, com os perversos dentes da armadilha ainda espetados na sua perna quebrada e supurada. Muitos milhares de pessoas estão vivendo uma existência aplita, comparável à da águia com a armadilha no pé. Encravado em milhares de indivíduos está algum irritante e opressivo grilhão, esgotando suas energias, cansando seus recursos mentais e espirituais, e perturbando sua ambição de viver feliz e construtivamente. Eles são obrigados a carregar seu tormento consigo por tóda parte, até que, exaustos e derrotados, abandonam a luta e mergulham no mar do desencorajamento, do

fracasso e da morte. Muita gente vai para o túmulo com suas penas e seus pecados ainda irremediavelmente incrustados dentro de suas almas.

Há muitas espécies de armadilha que estragam a vida, fazem morrer a coragem, destroem as esperanças e arruinam a felicidade das pessoas. Dirigi algum tempo atrás o funeral de um amigo meu que morreu aos 58 anos, de câncer no pulmão, o qual tinha caído na armadilha da nicotina. Esse homem fôra certa vez um membro fiel da Igreja, mas então uma isca de cigarro o havia atraído, e o perigo não lhe pareceu muito grave no princípio. Mas uma vez estabelecido, o vício pedia um aumento da parcela de nicotina cada vez maior. Em poucos anos ele transformou-se num fumante inveterado. Quanto maiores se tornavam as porções de nicotina, menos apetite meu amigo ia sentindo. E sem apetite, sua carga de trabalho teve de ser reduzida para combinar com o vigor que se esmorecia. Muito breve ele não estava passando bem. Dentro de apenas alguns meses, já o médico da família não parecia poder ajudá-lo muito, e finalmente ele foi mandado para uma clínica médica especializada, em San Diego. Lá, disseram-lhe que ele tinha que parar de fumar imediatamente e voltar ao trabalho regular e vigoroso, para poder recobrar o apetite e as funções do corpo se normalizarem. Mas ele já não podia arrancar o grilhão da nicotina de seu pé.

Todos os maus hábitos que nos amarram de modo que não somos mais capazes de livrar-nos são muito perigosos. Se a água pudesse eliminar o grilhão de sua perna dentro de algum tempo, então sua situação não seria tão séria. Mas, como tódas as arapucas do mal, os vícios ou maus hábitos, uma vez formados e estabelecidos, tornam difícil o libertar-se deles.

Sucessivamente, meu amigo foi perdendo o apetite, a ambição, a saúde, a paz de espírito, a renda e finalmente um câncer principiou a desenvolver-se em seu pobre corpo.

Águia alguma já suportou luta mais agonizante e triste contra a morte, e assim como a águia grande, ele sentiu-se exausto, desanimado e vencido. Foi enterrado com esse hábito vicioso e proibido ainda a agrilhoá-lo.

Que grande pena quando nós não aceitamos a pala do Senhor ao dizer: "Tabaco não é para o corpo, nem para

o ventre, e não é bom para o homem.” (D. & C. 89:8.) Poder-se-ia adicionar ainda que é também muito dispendioso, significa perda de tempo e traz desconforto para os outros.

Mas alguns há que sem considerar as conseqüências, parecem ter que tentar cada pecado pessoalmente, e, antes que saibam, já puseram o pé na arapuca. Meu amigo é apenas um exemplo dos resultados que podem advir àquele que bole com o mal. Frequentemente as conseqüências não podem parar nem mesmo com a morte. No caso de meu amigo, o sofrimento foi logo transferido para sua família. Sua esposa está agora sem lar e sem estêio; os filhos pequenos ficaram ao léu, sem a direção e o apoio do pai.

Mas se formos dar uma “olhada” em nossas próprias vidas, encontraremos muitas situações similares. Muitos de nós estão cavando a própria sepultura, com as irritantes e tristes armadilhas do álcool, da imoralidade, da ignorância e da desobediência a Deus. Estas armadilhas perigosas são usualmente escondidas sob alguma isca atraente, para que chame a atenção da suposta vítima. Mas, quando são tocadas ou pisadas se fecham ferozmente, trincando e prendendo quem quer que seja.

Se você quer pegar um ratinho, basta colocar um pequeno pedaço de queijo no espêto da ratoeira. O ratinho ficará muito ansioso para tirar o queijo, mas se ele alcançá-lo, será também apanhado.

No entanto, desde há muito que as mais importantes arapucas não são armadas para pegar camundongos, e sim para apanhar os homens e mulheres. Os líderes militares empregam-nas contra seus inimigos. Os assassinos usam-nas para pilhar suas vítimas. Mas Satanás arma outras ainda, mais perigosas, que são espalhadas com várias espécies de isca, escolhidas de acôrdo com cada gôsto. Antes que alguém mordisque por muito tempo a isca, é muito provável que ponha o pé na armadilha e seja então forçado a puxar atrás de si êsse instrumento de tortura, ferindo sua vida dolorosamente, destruindo sua paz de espírito e pondo em risco sua vida eterna e espiritual. Mas toda a lógica e razão possíveis, e até mesmo a palavra do próprio Deus parecem ser sem efeito quando estamos com o pé em uma das armadilhas do pecado.

Cada nova geração continua a cair nas ratoeiras, com os mesmos tipos de

isca usados para os antigos. Já foi dito que “Não existem novos pecados, existem novos pecadores.” Toda semana aparecem novos profanadores, novos desrespeitadores do Dia de Descanço, novas tragédias de imoralidade, novos violadores da Palavra de Sabedoria, e a cada semana um novo grupo de filhos de Deus sente a terrível aflição e os castigos que trazem desgostos profundos, por estarem os dentes da arapuca de aço mordendo nas suas mentes, almas e corações.

Há pouco tempo, um amigo recém-casado, veio contar-me seus problemas, os quais eram em grande número, cada um deles atraído sobre êle pela violação voluntária dos mandamentos de Deus. Eu falei a êle sobre essa lei fundamental das conseqüências, pela qual alguém que pisa na armadilha não deve ficar surpreso se ela se prender em sua perna. Eu lhe demonstrei como era perigoso tentar tirar o queijo sem desarmar a ratoeira. Certamente não se pode esperar que alguém continue a pôr mais queijo depois que o rato já foi apanhado. Que coisa maravilhosa seria se pudéssemos desenvolver uma habilidade de guardar-nos das arapucas, um amor pela obediência ao Evangelho e uma devoção de agradar a Deus.

Algum tempo atrás, um amigo meu disse-me que ia abandonar um certo mau hábito. Eu perguntei porque, e êle disse que estava com medo de continuar. Pensei então no quanto seria maravilhoso se o motivo do abandono fôsse o de agradar a Deus. A despeito do fato de que Deus nos pede para viver retamente e também que cada pecado sempre traga infelicidade e sofrimento, ainda assim, nós algumas vezes parece que nos apegamos a nossos pecados como à nossa própria vida.

Eu contei ao meu amigo que tinha muitos problemas a história de Frank Buck, cuja fama era de “Trazê-los de volta vivos.” Frank Buck capturou macacos na África, sem usar para isso nem armas nem venenos. Seu segredo era conhecer a psicologia dos macacos. Êle preparava um arroz-doce, muito cheiroso, pelo qual sabia que os macacos tinham loucura. Então fazia uns buracos em alguns côcos, largos apenas o necessário para deixar passar a mão vazia do macaco quando os dedos estivessem esticados. Os côcos eram pendurados nas árvores por pequenas correntes. Os macacos sempre seguiam o cheiro até encontrarem

punhado de arroz pelo buraco. Mas os côcos, querendo então apanhar um depois que os dedos se fechavam no arroz, o macaco não podia tirar a mão de dentro do côco. Os macacos tentavam toda a sorte de métodos para livrar-se, com uma única exceção: soltar de mão o arroz. Há uma parte do livro de psicologia pela qual nós tendemos a proceder como macacos. Temos nossos punhos cheios de maus hábitos, e enchemos nossa mente de más atitudes. Então, algumas vezes, recusamo-nos a deixá-los ir, não importa o quanto isso nos possa custar. Muitas pessoas ficam prisioneiras de seus próprios pensamentos, porque não desistem das idéias indignas. Frequentemente é mais fácil perder nossa vida ou a exaltação eterna do que abrir a mão.

Podemos ter nossas próprias idéias sobre um macaco que não abre as mãos nem para manter sua própria liberdade. Mas que pensar do homem, a obra prima da criação, que se permite ser apanhado em armadilha de coisas tão desagradáveis e cruéis, como a desonestidade, a bebida, a imoralidade, a ignorância, a indiferença e a desobediência a Deus. Deveríamos abrir não somente nossas mãos, mas também nossos corações a Deus. Deus é mais sábio que nós, e se nós lhe prestamos obediência, Êle nos pode livrar de uma porção de problemas e dores desnecessárias, tanto nesta vida quanto na outra.

Meu jovem amigo disse que a razão de ter-se metido em tantas dificuldades era porque queria aproveitar a vida, quando na verdade, como a águia e os macacos, estava realmente aproveitando a morte.

Concluindo, quero pintar com minhas palavras três quadros que gostaria de ver dependurados nas paredes de suas mentes. O primeiro quadro é o de uma bela águia americana, o símbolo do poder e da coragem, o emblema da liberdade, com uma viciosa armadilha de aço a balançar pendurada na sua pobre perna quebrada e intumescida.

O segundo é o quadro de um grande ser humano, que permitiu a si próprio ser apanhado na armadilha do pecado, e que foi desmoralizado pelo mal que êle próprio iniciou. O quadro deve representá-lo como um indivíduo sem fé, desobediente a Deus e envenenado nos seus princípios. Êle é torturado pela culpa, gasto pelo desânimo e pelo desespero e carrega pela

eternidade um punhado de armadilhas de Satanás, sempre punindo sua alma desgastada e cheia de medo.

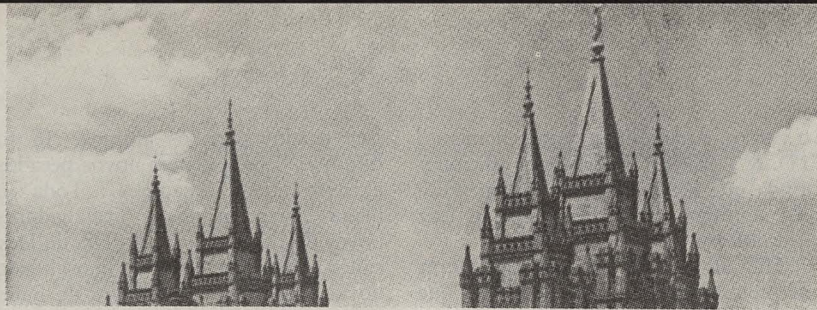
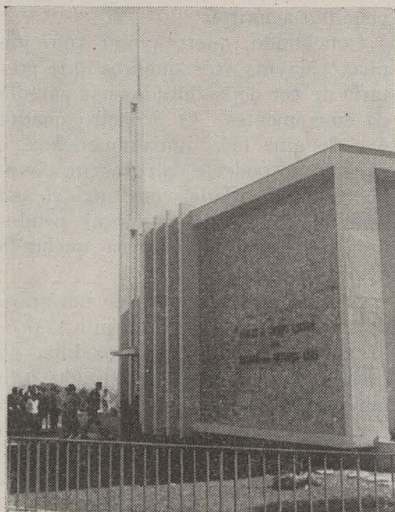
O terceiro quadro é de você próprio, um filho de Deus, formado à sua imagem e dotado dos seus atributos, herdeiro do seu reino e com uma compreensão de seu próprio potencial eterno. Tudo está em conhecer sua origem e seu destino, reafirmando-o constantemente em sua vida. Você é semente da divindade, herdeiro da palavra e do poder do Criador. Agarre-se à sua herança. Pense em você mesmo como sendo um "filho da onipotência". Nunca deixe este pensamento escapar-lhe nem por um só momento. Nunca deixe o mal destruir seu quadro.

Para isso é que Jesus disse: "Pois tudo o que o Pai possui ser-lhe-á dado." Todos nós gostamos de herdar do pai material. Que seria mais desejável do que ser herdeiro de Deus?

Recebam essa herança, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém.

## DEDICADA

Com a presença de cerca de setecentas pessoas entre membros, autoridades locais e visitantes, foi dedicada em 7 de junho de 1964 a capela do Ramo de Santana, uma das quatro capelas recentemente construídas pela Igreja na área da Missão Brasileira. A oração dedicatória foi proferida pelo Presidente Wayne M. Beck.



## UNIDADE NA IGREJA

MENSAGEM DOS MESTRES  
VISITANTES PARA AGOSTO DE 1964

Todo Santo dos Últimos Dias deve entender a necessidade de unidade na Igreja. Naquela grande oração feita por Jesus, antes de ser traído, Ele rogou pela unidade com um fervor nunca igualado.

*"... Pai Santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós ..."*

*"E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em Mim."*

*"Para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és em Mim, e Eu em Ti; que também eles sejam um em Nós ... para que sejam um, como Nós somos um". (João 17:11,20-22.)*

O propósito da unidade na Igreja tornou-se claro nas palavras do Mestre na mesma oração: "Para que o mundo creia" que a Igreja que Ele estabeleceu é o Reino de Deus na terra. Se os membros da Igreja demonstrarem amor uns para com os outros e trabalharem juntos em harmonia, isto será um exemplo que o mundo não poderá ignorar. O que é esta unidade? Como é ela conseguida? A unidade que Jesus tinha em mente era que todos os membros da Sua Igreja deveriam ter intenções fixas e que nós trabalhássemos pelo mesmo objetivo. A obediência às leis e ordenanças do Evangelho é a chave da unidade. Ela consiste de cada membro defender a Igreja, apoiando os seus princípios, promovendo os seus objetivos, mantendo os seus padrões, participando de suas funções e apoiando os seus líderes.

A unidade deve ter o seu princípio no lar. Se há discussões, contenda e desarmonia no lar, é evidente que alguém não está guardando os mandamentos de Deus. Você pode visualizar um lar celestial sem paz, amor e unidade? Se há dissensões que dividem o ramo em facções; alguma coisa está errada. Se os membros de quoruns ou classes estão discordando sobre doutrina, deve-se concluir que o espírito de verdade não sussurra opiniões divergentes.

Em espírito de unidade nós pagamos o dízimo, assim permitindo à Igreja construir templos, erigir Igrejas e edificar escolas. Em espírito de unidade nós observamos a lei do jejum e pagamos suas ofertas, assim partilhando o socorro das necessidades dos pobres dignos entre nós. Em espírito de unidade enviamos nossos filhos e filhas ao campo missionário, para levar a mensagem da verdade ao mundo. No mesmo espírito, fazemos trabalho de pesquisa genealógica por nossos mortos e prosseguimos fazendo o trabalho nos templos, em seu benefício, tornando-nos assim salvadores no Monte Sião.

Em espírito de unidade nós frequentamos fielmente as Reuniões do Sacerdócio e Sacramental e todas as outras reuniões a que devemos estar presentes. Através do espírito de unidade e lealdade genuína apoiamos os líderes de nossa Igreja. O Apóstolo Paulo diz que nós não podemos nos tornar perfeitos até "que todos cheguemos à unidade da fé".



Juventude da Promessa

A  
família santa  
torna cada  
refeição uma  
ceia do Senhor



M O R

Livro de oração da família

por Linda Campora

Você foi um espírito valente na preexistência e, quando os dois planos foram-lhe apresentados, você não pôde conter seu entusiasmo e esperança de que lhe fôsse permitido obter um tabernáculo de carne e ossos, de maneira a principiar sua vida na terra. Apesar de sentir muito deixar o lar glorioso de seu amado Pai, duas pessoas na terra oravam por você e aguardavam esperançosamente sua chegada.

Eu creio que era isto o que Nefi quis dizer quando declarou: "E eu, Nefi, tendo nascido de boa família..." Quais são as responsabilidades da juventude para com seus bons pais?

Se Deus teve fé bastante para confiar a essas duas pessoas um de seus espíritos escolhidos, sua mais valiosa possessão, não deverão os jovens ter fé suficiente em seu discernimento e ouvir a seus pais?

Confiamos em nossos pais, ou atiramos a seu rosto: "Você não entende de jeito algum"? Partilhamos nossas vidas ou passamos na ponta dos pés por seus quartos ainda iluminados, após voltarmos de um passeio? Estaremos esperando que confiem em nós quando dizemos inverdades a respeito de lugares, horas e amigos? Estamos aptos a dizer: "Esta é minha mãe e êste é meu pai", e ficar orgulhosos disso, ou começamos com êsse falso pudor que leva alguns a dizerem "a velha" e "meu velho"? Teremos já pensado em permanecer em casa com as crianças menores uma noite, a fim de

que possam ir a um cinema, ou é sempre a nossa vez de sair? Deixamos mamãe usar sua blusa nova apenas uma vez e então tomamos conta dela?

Pense no desditoso pai de Alma, o jovem. Seu filho era um verdadeiro criador de encrenca e teve que ser atingido por um anjo, que o pôs mudo, antes que se arrependesse e se tornasse um poderoso missionário.

Obediência, respeito e honra são mais importantes, mas o maior presente que podemos dar-lhes é viver uma vida honrada, guardando os princípios do evangelho e desenvolvendo um imortal testemunho. Isto inclui o objetivo do casamento no templo. E a única coisa que nos permitirá possuir uma mansão e uma família no reino celeste de nosso Pai. Para ser digno do casamento no templo, deve-se viver constantemente uma vida pura. A adolescência é a época de nossa vida que causa maior preocupação a nossos pais. Eles conhecem os fortes impulsos e emoções que estamos experimentando. Já fizeram um dia as mesmas descobertas. Desejam apenas ajudar e orientar.

"Você deve ser veraz, pelos que crêem em você.

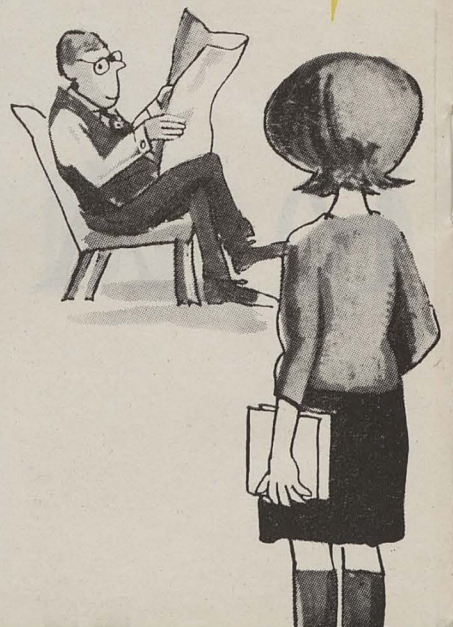
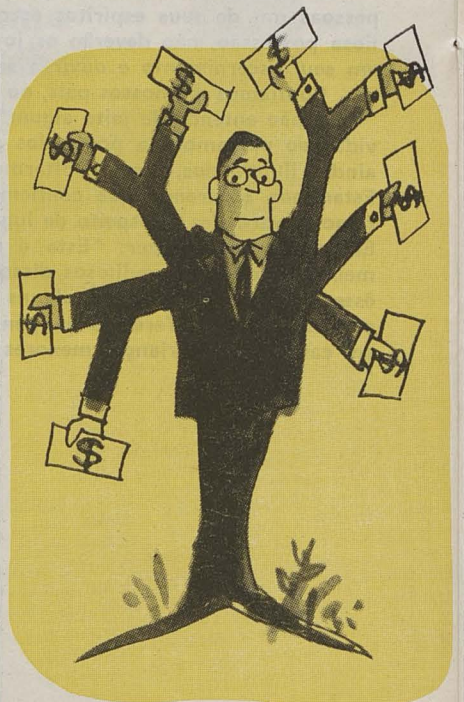
Não deve transgredir ou pensar que ninguém vê. Se é falso consigo mesmo, sua culpa não vem só, Terá ferido seus pais, com ingratidão, sem dó."

Edgar A. Guest

O espírito que deixou o lar era puro, honesto, valente, escolhido. Cada dia que vivemos deveria ter uma meta e propósito apenas: retornar tão puros e escolhidos como chegamos.

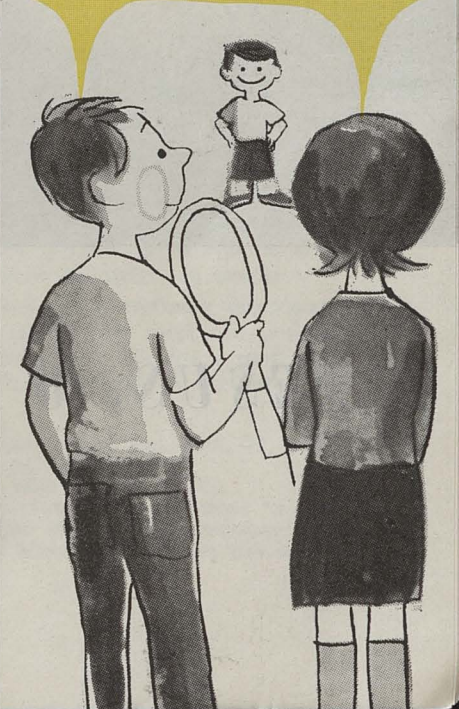
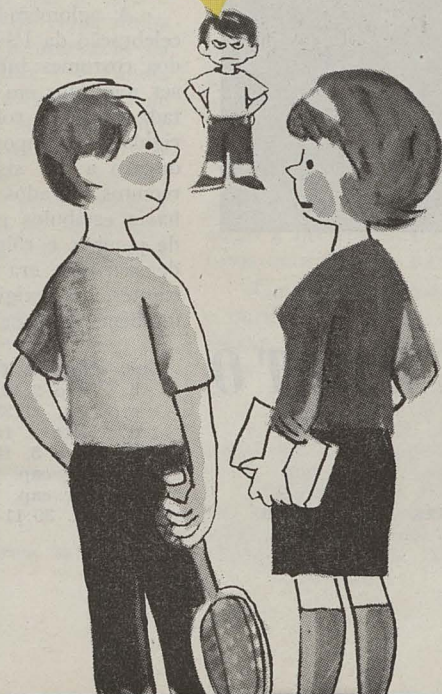
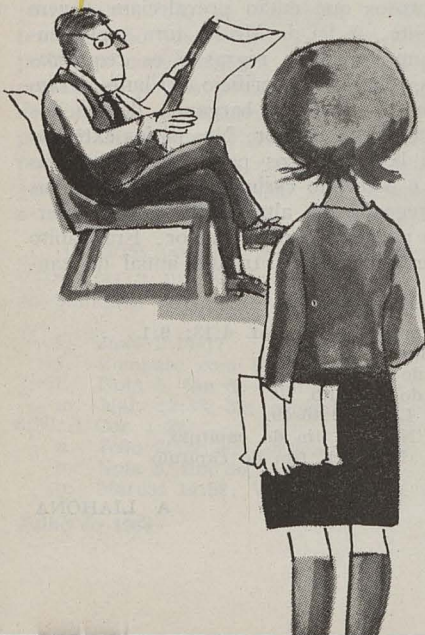
OR A OS PAIS

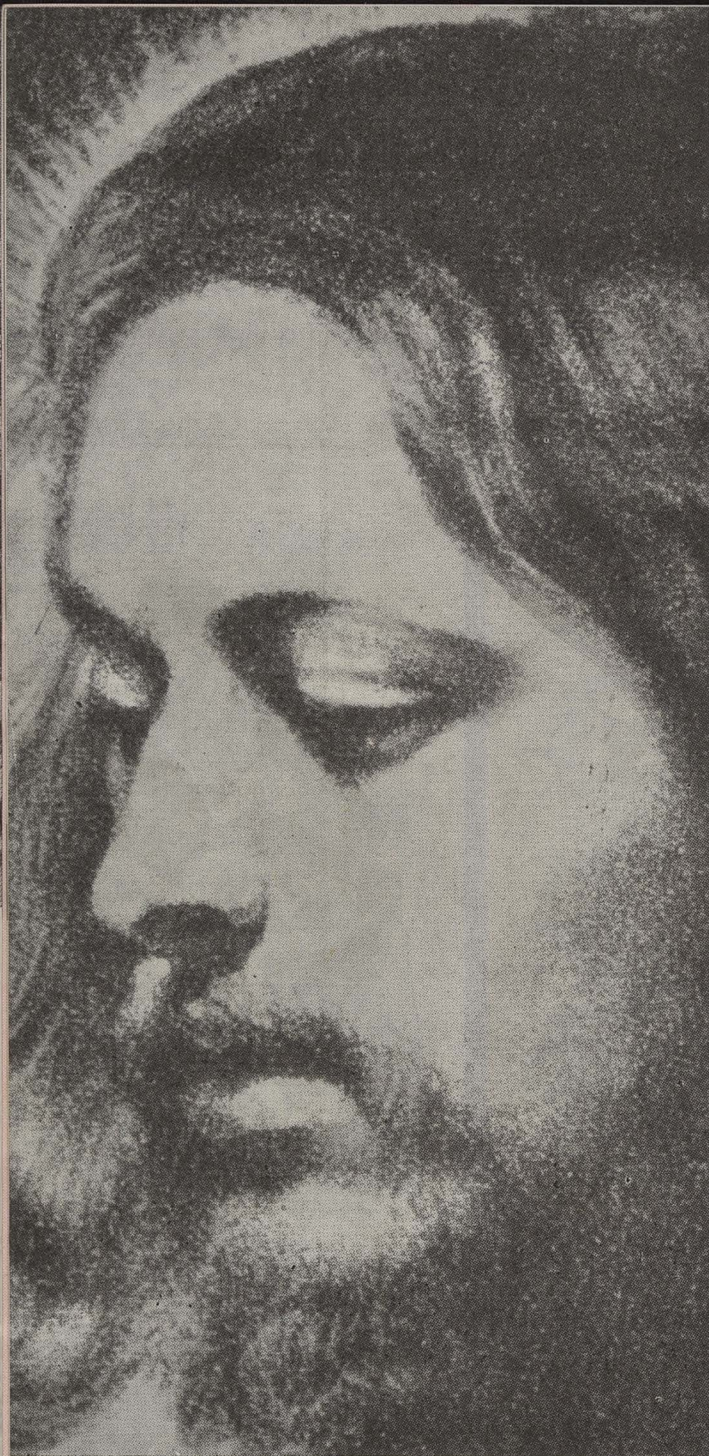
P. Que está errado neste quadro familiar?



R.

*Você está vendo apenas parte d'êle. Veja-se a SI mesmo e aos membros de sua família como os outros os VÊM. Conheça tudo a respeito d'êles Descubra os valores de seus familiares e ame-os pelo que são, não pelo que podem fazer por você.*





# JESUS, O CRISTO

JAMES E. TALMAGE

## INCIDENTES INICIAIS NO MINISTÉRIO PÚBLICO DE NOSSO SENHOR

### CAPÍTULO XII

#### A PRIMEIRA PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

Pouco após os esponsais em Caná, Jesus, acompanhado por seus discípulos, bem como por sua mãe e outros membros da família, foi a Cafarnaum, cidade aprazivelmente situada próximo à margem setentrional do Mar da Galiléia ou Lago de Genesaré<sup>a</sup> e palco de muitas das obras miraculosas de nosso Senhor; na verdade, chegou a ser conhecida como sua própria cidade.<sup>b</sup> Devido à descrença de seu povo, tornou-se ela motivo de lamentação para Jesus, quando em tristeza prefigurou o castigo que sobreviria ao local.<sup>c</sup> O exato sítio da cidade é presentemente desconhecido. Por essa ocasião Jesus não se demorou mais que alguns dias em Cafarnaum, pois o tempo da Páscoa anual se avizinhava e, em obediência à lei e costume judaicos, subiu Ele a Jerusalém.

Os Evangelhos sinóticos,<sup>d</sup> que se devotam primariamente aos trabalhos de Jesus na Galiléia, não incluem menção de seu comparecimento às comemorações pascais de seu décimo segundo ano de vida ao tempo de sua morte; a João apenas devemos o registro desta visita, na abertura do ministério público de Cristo. Não é improvável que Jesus tenha estado presente a outras Páscoas durante os dezoito anos sobre os quais os evangelistas mantêm completo e reverente silêncio, mas em nenhuma de tais visitas anteriores, não contando trinta anos de idade, poderia Ele ter assumido o direito ou privilégio de mestre sem contravenção aos costumes estabelecidos.<sup>e</sup> Merece nossa atenção o fato de que nesta, a primeira aparição registrada de Jesus no templo, subsequente a sua visita como menino, assumiu Ele a "obra de seu Pai," na qual já se empenhara anteriormente. Pois a serviço de seu Pai fôra encontrado em discussão com os doutores da lei,<sup>f</sup> como na causa de seu Pai foi impellido a agir nesta ocasião posterior.

A aglomerada e heterogênea assistência presente à celebração da Páscoa já recebeu menção anterior;<sup>g</sup> alguns dos costumes indecorosos que então prevaleciam devem ser mantidos em mente. A lei de Moisés fôra suplementada por um rol cumulativo de regras e os requisitos rigidamente impostos, relativos a sacrifício e tributo, deram origem a um sistema de venda e barganha dentro dos recintos sagrados da Casa do Senhor. Nos pátios externos havia estábulos para bois, aprieços para ovelhas, gaiolas de pombas e rôlas; e o mérito cerimonial dessas vítimas de sacrifício era apregoado em altas vozes pelos comerciantes, que exigiam por elas o preço maior. Era hábito também pagar-se nessa ocasião o tributo anual do san-

- a. Nota 1, fim do capítulo.
- b. João 2:12; compare com Mat. 4:13; 9:1.
- c. Mat. 11:23; Lucas 10:15.
- d. Nota 2, fim do capítulo.
- e. Nota 3, fim do capítulo.
- f. Ver cap. 11; Lucas 2:46-49.
- g. Ver cap. 11; Nota 4, fim do capítulo.
- h. Ex. 30:11-16. Nota 11, fim do capítulo.

tu:  
im  
rel  
do  
tav  
ter  
efi  
e,  
co

los  
pu  
rec  
lin  
ent  
de  
lad  
hu  
sua  
cor  
les  
"T  
tro  
da  
vir  
da

e p  
vig  
na  
de  
Qu  
um  
o c  
a te  
Prã  
con  
poc  
mer  
vez  
sob  
pri  
pelo  
o c  
just  
tem  
pod  
pro  
den  
par  
por  
Jes  
o le

recc  
pos

6:30

Jul

tuário — o resgate exigido de todo o varão em Israel, importando em meio siclo<sup>b</sup> cada um, a despeito de sua relativa pobreza ou opulência. Isto devia ser pago “segundo o siclo do santuário,” cujo significado, como interpretavam os rabis, representava pagamento em moeda do templo. Dinheiro comum, cujas variedades ostentavam efígies e inscrições de origem pagã, não era aceitável e, como resultado, cambistas procediam a um próspero comércio nos terrenos do templo.

Justamente indignado com o que contemplava, e zeloso da santidade da Casa de seu Pai, Jesus propôs-se purificar o local;<sup>i</sup> e, não se detendo em argumentações, recorreu à força física, quase violenta, única forma de linguagem figurativa que aqueles corruptos comerciantes entendiam bem. Improvisando apressadamente um látego de pequenas cordas, vibrou-o ao seu redor, por todos os lados, libertando e expulsando ovelhas, bois e traficantes humanos, virando as mesas dos cambistas e espalhando suas heterogêneas acumulações de moeda. Com terna consideração pelas cativas e indefesas aves, evitou molestar suas gaiolas, mas a seus proprietários Ele disse: “Tirai daqui estas”; e a todos os cúpidos mercadores trovejou uma ordem que os fez estremecer: “Não façais da casa de meu Pai casa de venda.” Seus discípulos viram no incidente o cumprimento do salmo: “O zelo da tua casa me devorará.”<sup>j</sup>

Os judeus, por cujo termo designamos os sacerdotes e príncipes do povo, não ousaram protestar contra essa vigorosa ação, imputando-a como injusta; sendo versados na lei, encontraram-se culpados de corrupção, avareza e de responsabilidade pessoal pela profanação do templo. Que os recintos sagrados necessitavam dolorosamente de uma purificação todos reconheciam; o único ponto sobre o qual ousaram questionar o Purificador dizia respeito a ter ele chamado a si o fazer aquilo que a eles competia. Praticamente submeteram-se a sua enérgica intervenção com a de alguém cuja possível investidura de autoridade poderiam ainda ser compelidos a reconhecer. Sua momentânea submissão baseava-se no medo e este, por sua vez, em suas consciências culpadas. Cristo prevaleceu sobre aqueles judeus contenciosos por virtude do eterno princípio de que o bem é mais poderoso que o erro e pelo fato psicológico de que a consciência da culpa rouba o contraventor de sua coragem quando a iminência da justa retribuição se evidencia a sua alma.<sup>k</sup> E, ainda temeroso de que ele provasse ser um profeta dotado de poder, tal como nenhum sacerdote ou rabi então existente professara jamais possuir, reciosamente solicitaram credenciais de sua autoridade — “Que sinal nos mostras para fazeres isto.” Lacônicamente, e com pouco respeito por este pedido, tão comum aos iníquos e adúlteros,<sup>l</sup> Jesus replicou: “Derribai este templo e em três dias o levantarei.”<sup>m</sup>

Cegados por sua própria astúcia, pouco dispostos a reconhecer a autoridade do Senhor e ainda temerosos da possibilidade de que se estivessem opondo a alguém que

agia por direito, os perturbados oficiais entenderam que as palavras de Jesus referiam-se ao imponente templo de alvenaria em cujas dependências se encontravam. E tomaram coragem. Esse estranho galileu, que abertamente insultava sua autoridade, falava irreverentemente de seu templo, expressão visível da crença de que tão orgulhosamente se ufanavam em palavras — que eram os filhos do convênio, adoradores do Deus vivo e verdadeiro, e, portanto, superiores a todos os povos herejes e pagãos. Com aparente indignação retorquiram: “Em quarenta e seis anos foi edificado este templo e tu o levantarás em três dias?”<sup>n</sup> Apesar de frustrados em seu desejo de suscitar a indignação popular contra Jesus por essa ocasião, os judeus recusaram-se a esquecer ou perdoar suas palavras. Quando posteriormente, como indefeso prisioneiro, era ele submetido a um simulacro ilegal de julgamento ante uma corte comprometida pelo pecado, o pior perjúrio pronunciado contra ele foi o das falsas testemunhas que testificaram: “Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derribarei este templo, construído por mãos de homens e em três dias edificarei outro, não feito por mãos de homens.”<sup>o</sup> E, enquanto pendia da cruz em agonia mortal, os escarnekedores que ali passavam meneavam a cabeça e insultavam o Cristo agonizante, dizendo: “Ah! tu que derribas o templo e em três dias o edificas, salva-te a ti mesmo e desce da cruz.”<sup>p</sup> E, no entanto, suas palavras aos judeus que haviam requerido credenciais sob a forma de um sinal não tinham qualquer relação com o colossal Templo de Herodes, mas com o santuário de seu próprio corpo, no qual, mais literalmente que no Santo dos Santos edificado por mãos humanas, habitava o Espírito sempre vivente do Deus Eterno. “O Pai está em mim” era sua doutrina.<sup>r</sup>

“Ele falava do templo do seu corpo”, o verdadeiro tabernáculo do Altíssimo.<sup>s</sup> Esta referência à destruição do templo de seu corpo, e sua renovação após três dias, é sua primeira predição encontrada nos registros, concernente a sua designada morte e ressurreição. Mesmo os discípulos não compreenderam o profundo significado de suas palavras até após sua ressurreição dos mortos; então recordaram-se e entenderam. Os sacerdotes judeus não eram tão brancos como aparentavam ser, pois encontramo-los na presença de Pilatos, enquanto o corpo do Cristo crucificado jazia na tumba, dizendo: “Senhor, lembramo-nos de que aquele enganador, vivendo ainda, disse: Depois de três dias ressuscitarei.”<sup>t</sup> Apesar de possuímos muitos registros de haver Cristo declarado que haveria de morrer e no terceiro dia levantar-se outra vez, as mais evidentes dessas declarações foram feitas aos apóstolos, em vez de, abertamente, em público. Os judeus, a quem Pilatos concedia audiência, quase seguramente lembravam então a declaração de Jesus quando encontravam-se confusos ante Ele, na purificação dos pátios do templo.<sup>u</sup>

Um tal feito, como desafiar os costumes sacerdotais e purificar os limites do templo pela força não poderia deixar de impressionar, com efeitos variados, o povo presente às festividades; e eles, retornando a seus lares em

i. João 2:14-17.

j. Compare com Salmos 69:9.

k. Nota 5, fim do capítulo.

l. Mat. 12:38, 39; compare 16:1; Marcos 8:11; João 6:30; I Cor. 1:22.

m. João 2:19; ler versículos 18-22.

n. Nota 6, fim do capítulo.

o. Marcos 14:58. Ver cap. 34. q. Marcos 15:29,30.

r. João 10:38; 17:21.

s. João 2:19-22; compare com I Cor. 3:16, 17; 6:19; 2 Cor. 6:16; ver também Col. 2:9; He. 8:2.

t. Mat. 27:63. Leia o final do capítulo 35.

u. Como Canon Farrar concisamente declarou: “A menos que o ‘lembramos’ fôsse uma distinta falsidade, não poderiam estar-se referindo a outra ocasião que não esta.” (“Life of Christ”, p. 155.)

distantes e dispersadas províncias, difundiriam a fama do corajoso Profeta galileu. Muitos em Jerusalém creram nêle àquela época, principalmente por que eram atraídos pelos milagres que obrava; mas êle recusou-se a “confiar nêles,” conhecendo o fundamento inseguro do que professavam. A adulação popular era estranha a seu propósito; êle não desejava um séquito heterogêneo, mas reuniria ao redor de si os que recebessem do Pai um testemunho de sua missão Messiânica. “Êle a todos conhecia, e não necessitava de que alguém testificasse do homem, porque êle bem sabia o que havia no homem.”<sup>v</sup>

O incidente da enérgica purificação do templo por Cristo é uma contradição do conceito tradicional de sua pessoa como tão dócil e cordato em seu procedimento a ponto de parecer pulsilânime. Dócil êle era, e paciente na aflição; misericordioso e longânime no trato com pecadores arrependidos, ainda que severo e inflexível em presença da hipocrisia e inexorável na denúncia dos que perseveravam no êrro. Seu ânimo era adaptado às condições nas quais se pronunciava; palavras amáveis de incentivo ou candentes expletivas de justa indignação promanavam com igual fluência de seus lábios. Sua natureza não era uma concepção poética de querubínica e permanente doçura, mas a de um Homem, com as emoções e paixões essenciais à humanidade e à masculinidade. Êle, que freqüentemente chorava de compaixão, em outras ocasiões evidenciava em palavras e atos a justa ira de um Deus. Mas de tôdas as suas paixões, conquanto gentilmente ondulassem ou poderosamente se encapelassem, êle era sempre senhor. Compare o amável Jesus, levado a cuidados de hospitalidade pelas carências de uma reunião festiva em Caná, com o Cristo indignado, vibrando seu azorrague e, em meio à comoção e tumulto por êle próprio provocados, expulsando gado e homens de diante de si, como a um rebanho imundo.

#### JESUS E NICODEMOS<sup>x</sup>

Que as maravilhosas obras de Cristo, por ocasião dessa Páscoa memorável, haviam levado alguns homens letrados, além do povo comum, a crer nêle evidenciava-se pelo fato de que Nicodemos, que era fariseu de profissão e um dos mais ilustres príncipes dos judeus, viesse a êle com a missão de interrogar. É significativo a circunstância de que essa visita fôsse feita à noite. Evidentemente o homem fôra impellido por um genuíno desejo de conhecer melhor o galileu, cujas obras não podiam ser ignoradas, conquanto o orgulho do ofício e medo da possível suspeita de que se houvesse unido ao nôvo Profeta levassem-no a cercar seu ato de reserva.<sup>z</sup> Dirigindo-se a Jesus pelo título que êle próprio ostentava, e ao qual considerava honroso e respeitável, êle disse: “Rabi, bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer êstes sinais que tu fazes, se Deus não fôr com êle.”<sup>a</sup> Se seu emprêgo do pronome “nós” no plural indica que havia sido enviado pelo Sinédrio, ou pela sociedade dos fariseus — cujos membros costumavam assim falar, como representantes da ordem — ou era usado em sentido retórico para indicar apenas a si mesmo, tem pouca importância. Êle reconheceu a Jesus como um “mestre vindo de Deus” e deu razões pelas quais assim o considerava. O que quer que de débil fé pudesse estar brotando no

v. João 2:23-25.

x. João 3:1-21.

coração do homem, tal se baseava na evidência de milagres, apoiada apenas pelo efeito psicológico de sinais e maravilhas. Contudo, devemos-lhe crédito por sinceridade e honestidade de propósito.

Sem esperar perguntas específicas, “Jesus respondeu e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer de nôvo não pode ver o reino de Deus.” Nicodemos parece ter ficado intrigado; êle perguntou como tal rejuvenescimento seria possível. “Como pode um homem nascer, sendo velho? porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” Não fazemos a Nicodemos nenhuma injustiça presumindo que êle, como rabi, homem versado nas escrituras, deveria ter sabido que havia outro significado nas palavras de Jesus além do de um nascimento mortal, literal. Mais que isso, fôsse possível a um homem nascer literalmente, uma segunda vez, e como tal nascimento lhe aproveitaria em progresso espiritual? Não seria mais que uma reentrância no estágio da existência física, ao invés de uma melhoria. O homem sabia que o figurativo de um nôvo nascimento era comum nos ensinamentos de seus dias. Todo o prosélito do judaísmo era considerado, ao tempo de sua conversão, um recém-nascido.

A surpresa manifestada por Nicodemos devia-se provavelmente, pelo menos em parte, à universalidade do requisito como enunciado por Cristo. Estariam os filhos de Abraão incluídos? O tradicionalismo de séculos opunha-se a tal conceito. Pagãos tinham que nascer novamente através de uma aceitação formal do judaísmo, se desejavam tornar-se mesmo pequenos participantes das bênçãos que pertenciam como herança à Casa de Israel; mas Jesus parecia tratar a todos igualmente, judeus e gentios, hereges idólatras e o povo que, com seus lábios pelo menos, chamava Jeová, Deus.

Jesus repetiu a declaração, e com precisão, enfatizando com o significativo “Na verdade, na verdade,” a maior lição que jamais saudara os ouvidos dêsse príncipe de Israel: “Na verdade, na verdade te digo que aquêle que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” Que o nôvo nascimento, assim designado como condição absolutamente essencial para entrada no reino de Deus, aplicável a todo o homem, sem limitação ou qualificação, era uma regeneração espiritual foi explicado em seguida ao atônito rabi: “O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de nôvo.” E ainda ponderava o sábio judeu, não logrando compreender. Possivelmente a brisa noturna fêz-se ouvir naquele momento; se assim foi, Jesus nada mais fêz que utilizar o incidente como um hábil mestre o faria, para incutir uma lição, quando prosseguiu: “O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquêle que é nascido do Espírito.” Manifestamente declarado, a Nicodemos foi dado conhecer que seu conhecimento e condição oficial mundana de nada lhe valeriam em qualquer esforço de entender as coisas de Deus; através do sentido físico da audição êle sabia que o vento soprava; pela vista poderia ser informado de sua passagem; e, no entanto, que sabia da causa última mesmo dêste simples fenômeno? Se Nicodemos havia realmente

z. Nota 7, fim do capítulo.

a. João 3:2; leia versículos 1-21.

de ser instruído em questões espirituais, deveria despir-se das prevenções nascidas do conhecimento que professava ter de coisas menores.

Rabi e eminente membro do Sinédrio o quanto fôsse, ali, no aposento humilde do Mestre da Galiléia, estava em presença de um Superior. Na perplexidade da ignorância êle perguntou: "Como pode ser isso?" A réplica deve tê-lo rebaixado, se não humilhado: "Tu és mestre de Israel e não sabes isto?" Obviamente, o conhecimento de alguns dos princípios fundamentais do evangelho era já acessível: Nicodemos foi reprovado por sua falta de conhecimento, particularmente por ser um mestre do povo. Nosso Senhor, então, bondosamente aplicou a explicação, testificando de que falava com seguro conhecimento, baseado no que tinha visto, enquanto Nicodemos e seus companheiros recusavam-se a aceitar o testemunho de suas palavras. Além disso, Jesus asseverou ser sua missão a do Messias e, especificamente, predisse sua morte e a natureza dela — que Êle, o Filho do Homem, devia ser levantado da mesma forma que Moisés levantara a serpente no deserto, como um símbolo pelo qual Israel poderia escapar à praga mortal.<sup>b</sup>

O propósito da morte predeterminada do Filho do Homem era: "Que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna"; pois a êste fim e por seu ilimitado amor pelo homem tinha o Pai devotado seu Filho Unigênito. E, ainda mais, conquanto fôsse verdade que em seu advento mortal o Filho não tivesse vindo para sentar-se como julgador, mas para ensinar, persuadir e salvar, a condenação seguramente se seguiria à rejeição daquele Salvador, pois a luz chegara e os iníquos evitavam a luz, odiando-a por preferirem a escuridão, na qual esperavam esconder seus atos malignos. Talvez aqui, novamente, Nicodemos tenha experimentado uma picada de consciência, pois não temera êle vir às claras preferindo a escuridão para sua visita? As palavras finais de nosso Senhor combinaram instrução e reprovação: "Mas quem pratica a verdade vem para a luz, a fim de que as suas obras sejam manifestas, porque são feitas em Deus."

A narrativa desta entrevista entre Nicodemos e o Cristo constitui uma de nossas mais instrutivas e preciosas escrituras, relativas à absoluta necessidade de conformidade, sem reservas, com as leis e ordenanças do evangelho, como meio indispensável de salvação. Fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus, única pessoa através de quem os homens poderão obter vida eterna; o abandono do pecado, pelo resolutivo afastamento da densa escuridão do mal para a luz salvadora da retidão; o requisito incondicional de um nôvo nascimento através do batismo na água, e isto necessariamente pelo método da imersão uma vez que por outra forma o símbolo de um nascimento se invalidaria; e a consumação do nôvo nascimento através do batismo pelo Espírito — todos êstes princípios são aqui ensinados com simplicidade e clareza tal a não permitir alegação plausível de ignorância por parte do homem.

Se Jesus e Nicodemos foram as únicas pessoas presentes a essa entrevista, João, o autor, deve ter sido informado dela por um dos dois. Como João foi um dos primeiros discípulos, e posteriormente um dos apóstolos, e como foi distinguido no grupo apostólico por seu com-

b. Núm. 21:7-9.

c. Nota 8, fim do capítulo. Ver "Regras de Fé", v:1-5.

d. João 3:22; compare com 4:2.

panheirismo íntimo com o Senhor, é muito provável que êle tenha ouvido o relato dos lábios de Jesus. O propósito de João foi, evidentemente, registrar a grande lição do momento, de preferência a relatar a história circunstancial. O registro principia e se encerra com igual brusquidão; incidentes sem significado são omitidos; cada linha é significativa; o autor percebia plenamente o profundo alcance de seu assunto e tratou-o como tal. Posteriores menções a Nicodemos tendem a confirmar a apreciação do homem como se apresenta neste encontro com o Cristo — a de alguém consciente de uma crença em Cristo, mas cuja crença nunca evoluiu no tipo de fé genuína e vigorosa a qual impele à aceitação e à concordância que independe de preço ou consequência.<sup>c</sup>

## DA CIDADE AO CAMPO

Deixando Jerusalém, Jesus e seus discípulos dirigiram-se às áreas rurais da Judéia e lá permaneceram, indubitavelmente pregando conforme a oportunidade se apresentava ou era provocada; e os que nêle criam eram batizados.<sup>d</sup> O aspecto preponderante de seus primeiros pronunciamentos públicos foi o mesmo de seu precursor, no deserto: "Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus."<sup>e</sup> João Batista continuara seus labores, apesar de, sem dúvida, desde seu reconhecimento daquele que era Maior que êle, cuja vinda fôra enviado para preparar, ter passado a considerar o batismo que administrava como de significado algo diferente. A princípio batizava em preparação para o que haveria de vir; agora batizava crentes arrependidos naquele que viera.

Disputas haviam-se levantado entre alguns ardorosos seguidores de João e um ou mais judeus,<sup>f</sup> concernentes à doutrina da purificação. O contexto<sup>g</sup> deixa pouca dúvida de que envolvia uma questão quanto aos méritos relativos do batismo de João e do que era ministrado pelos discípulos de Jesus. Com excusável ardor e bem intencionado zêlo por seu mestre, os discípulos de João, que tinham estado envolvidos na disputa, vieram a êle, dizendo: "Rabi, aquêle que estava contigo além do Jordão, do qual tu deste testemunho, ei-lo batizando, e todos vão ter com êle. Os aficcionados de João preocupavam-se com o sucesso daquele a quem olhavam de certa forma como a um rival de seu amado mestre. Não havia João dado a Jesus seu primeiro atestado? "Aquêle do qual deste testemunho", disseram êles, nem mesmo se dignando a designar Jesus pelo nome. Seguindo o exemplo de André e de João, o futuro apóstolo, o povo estava deixando João Batista e reunindo-se ao redor de Jesus. A réplica de João a seus ardorosos seguidores constitui um modelo sublime de abnegação. Sua resposta foi dêste teor: O homem recebe apenas segundo Deus lhe dá. Não me foi dado fazer a obra do Cristo. Vós mesmos sois testemunhas de que neguei ser o Cristo e declarei ter sido apenas enviado para anteceder-lo. Êle é como o Noivo; eu sou apenas como o amigo do noivo,<sup>h</sup> seu servo; e regozijo-me grandemente por estar assim próximo dêle; sua voz dá-me felicidade; e assim meu gôzo se cumpre. Aquêle de quem falais principia seu ministério; o meu está chegando ao fim. Êle deve crescer, mas eu devo diminuir. Êle veio dos céus e é, portanto, superior a

e. Mat. 4:17; compare com Marcos 1:15.

f. Nota 9, fim do capítulo.

g. João 3:25-36. h. Nota 10, fim do capítulo.

tôdas as coisas da terra; contudo, os homens recusam-se a receber seu testemunho. A um tal o Espírito de Deus não vem em porções; é seu em plena medida. O Pai ama o Filho, e em suas mãos colocou tôdas as coisas. "Aquêlê que crê no Filho tem a vida eterna; mas aquêlê que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus sôbre êle permanece."<sup>1</sup>

Em tal resposta, nas dadas condições, deve-se identificar o espírito da verdadeira grandeza, e de uma humildade que poderia derivar apenas de uma convicção divinamente assegurada a João Batista quanto a si próprio e ao Cristo. Em mais de um sentido, João era grande entre todos os que da mulher são nascidos.<sup>2</sup> Êle havia dado início a sua obra quando enviado de Deus para assim o fazer;<sup>3</sup> percebia que sua obra havia de certa forma sido suplantada e pacientemente aguardava sua

desobrigação, continuando, entretentes, seu ministério de conduzir almas ao Senhor. O princípio do fim avizinha-se. Breve seria capturado e atirado a uma masmorra onde, como se demonstrará, seria decapitado para satisfazer a vingança de uma mulher corrupta, cujos pecados João havia denunciado intrêpidamente.<sup>4</sup>

Os fariseus observavam com crescente apreensão o aumento de popularidade de Jesus, evidenciado pelo fato de que muitos mais seguiam após êle e aceitavam batismo das mãos de seus discípulos que os que haviam atendido ao apêlo de João. Havia ameaça de oposição aberta e, como Jesus desejava evitar o obstáculo a sua obra que tal perseguição, por aquela época, haveria de levantar, partiu da Judéia, retirando-se para a Galiléia através de Samaria. Êsse retôrno à província setentrional efetuou-se após ter João Batista sido atirado à prisão.<sup>5</sup>

## NOTAS

1. *Mar da Galiléia.* — Este, o maior corpo de água doce da Palestina, tem a forma aproximada de uma pera e mede por volta de treze milhas em comprimento máximo numa linha norte-sul e entre seis e sete milhas de largura máxima. O rio Jordão penetra-o na extremidade nordeste, dêle fluindo a partir da extremidade sudoeste; o lago pode ser considerado, portanto, como uma grande expansão do rio, apesar de medir sua depressão cêrca de duzentos pés de profundidade. O Jordão que dêle promana liga o Mar da Galiléia ao Mar Morto, sendo o último um corpo de água intensamente salina que, pela abundância de sais dissolvidos e consequente densidade, é comparável ao Great Salt Lake de Utah, apesar de a composição química das águas ser substancialmente diferente. O Mar da Galiléia é mencionado por Lucas, de acôrdo com sua mais apropriada classificação, como lago (Lucas 5:1,2; 8:22,23,33). Adjacente ao lago, a noroeste, encontra-se uma planície, que foi em antigos tempos intensamente cultivada: era a região conhecida como a terra de Genezaré (Mat. 14:34; Marcos 6:53); assim, o corpo de água veio a ser conhecido como mar ou lago de Genezaré (Lucas 5:1). Da proeminência de uma das cidades de sua orla ocidental resultou ser conhecido como Mar de Tiberíades (João 6:1,2,3; 21:1). No Velho Testamento é chamado Mar de Quinerete (Núm. 34:11) ou Quinerote (Jos. 12:3), segundo o nome de uma cidade adjacente (Jos. 19:35). A superfície do lago ou mar fica muitos metros abaixo do nível normal do mar, 340 metros abaixo do Mediterrâneo, de acôrdo com Zenão, ou 350 metros conforme declarado por alguns outros. Essa situação reentrante confere à região um clima semi-tropical. Zenão, no *Standard Bible Dictionary*, diz: "As águas do lago são conhecidas pela abundância de peixe. A atividade da pesca era, em consequência, um dos recursos mais estáveis da região circunvizinha. . . . Outra característica do Mar da Galiléia é sua suscetibilidade a tormentas inesperadas. Isto é ocasionado em parte por situar-se tão abaixo dos planaltos circundantes (fato que determina uma diferença de temperatura e consequentemente perturbações atmosféricas) e em parte devido às rajadas que descem o Jordão, provenientes das alturas do Hermon. O evento registrado em Mat. 8:24 não é um caso extraordinário. Aquêles que ocupam-se com barcos, no lago, são obrigados a tomar grande cuidado para evitar o perigo de tais tormentas. As praias do mar da Galiléia, bem como o próprio lago, foram palco de muitos dos mais notáveis eventos registrados nos Evangelhos."

2. *Os quatro Evangelhos.* — Todos os estudiosos do Nôvo Testamento terão observado que os livros de Mateus, Marcos e Lucas tratam os efeitos e palavras do Salvador, na Galiléia, com muito mais atenção que a que dispensam a sua obra na Judéia; o livro ou Evangelho de João, por outro lado, trata particularmente dos incidentes do ministério de nosso Senhor em terras da Judéia, sem excluir, contudo, fatos importantes ocorridos na Galiléia. Em estilo literário

e método de tratamento, os autores dos primeiros três Evangelhos (evangelistas como são coletivamente denominados, em conjunto com João, na literatura teológica) diferem mais notadamente do autor do quarto Evangelho do que entre si. Os eventos registrados pelos primeiros três podem ser mais prontamente classificados, confrontados ou arranjados e, em consequência, os Evangelhos escritos por Mateus, Marcos e Lucas são mais comumente conhecidos como os Sinóticos ou Evangelhos Sinóticos.

3. *Trinta Anos de Idade.* — Conforme Lucas (3:23), Jesus contava aproximadamente trinta anos de idade ao tempo de seu batismo e notamos que logo depois encetou êle públicamente sua obra no ministério. A lei prescrevia que à idade de trinta anos os levitas entrassem em seu serviço especial (Núm. 4:3). Clark, *Bible Commentary*, abordando a passagem em Lucas 3:23, diz: "Essa era a idade à qual os sacerdotes deveriam chegar, sendo exigência da lei, antes de poderem instalar-se em seu officio." Jesus teria possivelmente tido consideração pelo que se havia tornado um costume da época, aguardando atingir aquela idade para iniciar públicamente seus trabalhos de Mestre entre o povo. Não sendo de descendência levítica, não se qualificava à ordenação sacerdotal na ordem Arônica e, portanto, seguramente não teria esperado por ela antes de iniciar seu ministério. Ter pregado públicamente antes dessa idade, no entanto, teria dado lugar a críticas e objeções que poderiam resultar em sério prejuízo ou desvantagem desde o princípio.

4. *Multidões e confusão na festa da Páscoa.* — Conquanto seja obviamente impossível que mesmo uma fração muito grande do povo judeu pudesse estar presente à comemoração anual da Páscoa em Jerusalém e, em consequência, fôssem feitos preparativos para comemorações locais dos festejos, o comparecimento usual à celebração do templo nos dias de Jesus era indubitavelmente enorme. Josefo qualifica as multidões da Páscoa como "um inumerável agrupamento" (*Wars*, ii, I:3) e, em outro local (*Wars*, vi, 9:3), declara que o comparecimento atingia o gigantesco montante de três milhões de almas; tal é o registro, apesar de muitos autores modernos considerarem essa declaração um exagero. Josefo diz que com o propósito de dar ao imperador Nero informação quanto à força numérica dos judeus, particularmente na Palestina, os príncipes dos sacerdotes foram instruídos por Cestio a contarem o número de cordeiros sacrificados na comemoração, e o número relatado foi o de 256.500, o que, na base de entre dez e onze pessoas por cada mesa pascal indicaria a presença, diz êle, de pelo menos 2.700.200 pessoas, sem incluir visitantes outros que não judeus e os membros de Israel a quem era barrada a participação na ceia pascal, devido a impureza cerimonial.

As cenas de confusão, inevitáveis nas condições então existentes, são admiravelmente resumidas por Geikie (*Life and Words of Christ*, cap. 30), que cita muitas das autoridades antigas em suas declarações: "As ruas eram obstruídas

i. João 3:27-36. j. Mat. 11:11.

1. Lucas 3:2,3. m. Mat. 14:3-12. n. Mat. 4:12.

pelas multidões de tôdas as partes, as quais tinham que abrir caminho até o Templo através de rebanhos de ovelhas e manadas de gado, comprimindo-se no centro de tôdas as ruas, numa passagem inferior reservada para elas, a fim de evitar contato e profanação. Vendedores de tôdas as categorias possíveis assediavam os peregrinos, pois as festividades eram, como se tem dito, a estação fecunda para todos os negócios em Jerusalém, exatamente como, em Meca, nesse mesmo dia, ocasião do grande concurso de adoradores à tumba do Profeta, é o de maior comércio entre os mercados peregrinos, que formam as caravanas de tôdas as partes do mundo maometano.

"Dentro do sítio do Templo, havia alarido e a aglomeração, se possível, ainda piores. Instruções eram fixadas para que se mantivesse a direita ou a esquerda, como nas mais densas artérias de Londres. O pátio externo, no quai outros que não os judeus podiam penetrar e que era, portanto, conhecido como o Pátio dos Gentios, ficava, em parte, obstruído por currais de ovelhas, cabras e bois, para os festejos e as ações de graças. Vendedores apregoavam os méritos de seus animais, ovelhas baliavam e bois mugiam. Era, na verdade, a grande feira anual de Jerusalém, e as multidões aumentavam o alarido e tumulto, de maneira a perturbar lamentavelmente os serviços nos pátios vizinhos. Vendedores de pombas, para mulheres pobres chegadas de tôdas as partes da terra para purificação, e para outros, dispunham de um espaço especialmente reservado. Na verdade, a venda de pombas era em grande parte, secretamente, controlada pelos próprios sacerdotes: Anás, o sumo sacerdote, particularmente, auferindo grandes lucros com seus pombais no Monte das Oliveiras. Os alugueiros de estábulos para ovelhas e gado, e o lucro obtido com as pombas, levava os sacerdotes a sancionarem a incongruência de assim transformar o próprio templo num ruidoso mercado. Nem isto era tudo. Oleiros apoquentavam os peregrinos com seus pratos e fornos de barro para o cordeiro pascal; centenas de mercadores apregoavam seus artigos em altas vozes; armazéns de vinho, óleo, sal, e tudo o que era necessário para sacrifícios, convidavam os fregueses; e, além disso, pessoas que cruzavam a cidade, com todos os tipos de carga, encurtavam caminho atravessando os sítios do Templo. O pagamento do tributo requerido de todos, para a manutenção do Templo, acrescentava-se à confusão. Em ambos os lados da porta leste do Templo, permitia-se há muitas gerações a colocação de bancas para troca de dinheiro. Desde o dia quinze do mês precedente recebiam os cambistas permissão para montar suas bancas na cidade e, a partir do dia vinte e um — ou seja vinte dias antes da Páscoa — exerciam seu comércio no próprio Templo. Compradores de itens de oferta pagavam o montante em bancas especiais, a um oficial do Templo, e recebiam um cheque de chumbo por meio do qual retiravam com o vendedor o que haviam comprado. Grandes somas, além disso, eram trocadas, para serem colocadas como ofertas livres em uma das treze arcas que constituíam o tesouro do Templo. De todo o judeu, pobre o quanto fôsse, era requerido também o pagamento anual de meio siclo, para o resgate de sua alma e manutenção do Templo. Como isto não era recebido senão na moeda nativa, denominada siclo do Templo, a qual não era em geral a moeda corrente, os estrangeiros tinham de trocar dinheiro romano, grego ou oriental, nas bancas dos cambistas, a fim de obter a moeda requerida. A troca facilmente dava margem a fraudes, as quais eram bastante comuns. Cobrava-se cinco por cento de taxa, mas isso era indefinidamente acrescido pelos truques e chicanas através dos quais essa classe merecera em tôdas as partes um tão mau nome que, como o dos publicanos, seu testemunho não era aceito ante uma côrte."

Abordando o assunto da profanação à qual os pátios do Templo tinham sido sujeitados pelos traficantes que operavam com permissão sacerdotal, Farrar (*Life of Christ*, p. 152), apresenta o seguinte: "E esse era o pátio de admisão ao Templo do Altíssimo! O pátio que era um testemunho de que aquela casa devia ser uma Casa de Oração, para tôdas as nações, tinha-se degenerado num local que, por asqueroso, assemelhava-se mais a um matadouro e, pelo azafamado comércio, a um aglomerado bazar; enquanto os mugidos dos bois, os balidos das ovelhas, a Babel das muitas línguas, os pregões e regateios, e o finido de moedas e balanças (talvez nem sempre exatas), podiam ser ouvidos nos

pátios vizinhos, perturbando o canto dos levitas e as preces dos sacerdotes."

5. *O Servilismo dos judeus em presença de Jesus.* — O registro do feito de Jesus, livrando o pátio do templo daqueles que haviam feito mercado da Casa do Senhor, nada contém que sugira a inferência de haver êle empregado para tanto força sôbre-humana ou mais que o vigor viril. Jesus empregou um látego de sua própria confecção e expulsou a todos de diante dêle. E fugiram em confusão. Não se diz que ninguém tenha levantado qualquer protesto até depois de completada a expulsão. Por que não teria alguém dentre a multidão objetado? A submissão parece ter



sido abjeta e servil em extremo. Farrar (*Life of Christ*, pp. 151, 152) formula a questão e responde-a com excelente raciocínio e em linhas eloquentes: "Por que essa multidão de ignorantes peregrinos não resistiu? Por que êsses cúpidos regateiros contentaram-se com carregar o cenho e murmurar maldições, enquanto permitiam que seus bois e ovelhas fôssem atirados à rua e êles próprios fôssem expulsos, sendo seu dinheiro atirado ao chão por alguém a êsse tempo jovem e desconhecido, trajando-se como um desprezado galileu?"

Por que, da mesma forma podemos inquirir, permitiu Saul que Samuel o humilhasse na própria presença de seu exército? Por que obedeceu Davi, covardemente, às ordens de Joab? Por que não se atreveu Acab a aprisionar Elias, o profeta, à porta da vinha de Nabot? Porque pecado é fraqueza; porque não existe no mundo nada mais covarde que uma consciência culpada, nada tão invencível como o ímpeto poderoso de uma indignação Divina contra tudo o que é vil e iníquo. Como poderiam êsses sacrílegos e mesquinhos compradores e comerciantes, cômicos de sua iniquidade, opor-se àquela causticante reprimenda ou enfrentar o fulgor daqueles olhos, inflamados por uma santidade ultrajada? Quando Finéias, o sacerdote, zeloso do Senhor das Hostes, atravessou os corpos do príncipe de Simeão e da mulher midianita com uma gloriosa arremetida de sua indignada lança, por que não vingou aquêlê esplêndido assassino a Israel pecaminosa? Por que não se tornou, cada homem da tribo de Simeão, um vingador ante o audaz assassino? Porque o Vício não pode desafiar um momento que seja o braço vingador da Virtude. Adjetos e indignos o quanto fôssem, êsses judeus traficantes de dinheiro sentiam, na parte que lhes restava da alma ainda não tragada pela infidelidade e avareza, que o Filho do Homem tinha razão.

"Nem mesmo os sacerdotes e fariseus, escribas e levitas, devorados como estavam pelo orgulho e formalismo, ousariam condenar um ato que poderia ter sido atribuído a um Neemias ou a um Judas Macabeu, e que se harmonizava com tudo o que havia de mais puro e belo em suas tradições. Mas quando souberam de seu feito, ou o testemunharam, e tiveram tempo para recobrar-se do misto de admiração, desgosto e pasmo que êle inspirara, vieram a Jesus e, conquanto não ousassem condenar o que êle havia feito, semi-indignados pediram dêle algum sinal de que tinha o direito de assim agir."

6. *Respeito dos judeus pelo templo.* — Os judeus professavam elevado respeito pelo templo. "Uma proclamação do Salvador, distorcida pelos conspiradores para representar uma blasfêmia contra o templo, foi usada em sua condenação como uma das principais acusações baseada nas quais se exigiu a sua morte. Quando os judeus clamaram por um sinal de sua autoridade, êle predisse sua própria morte e ressurreição subsequente, dizendo: 'Derribai êste templo, e em três dias o levantarei.' (João 2:19-22; ver também Mat. 26:61; 27:40; Marcos 14:58; 15:29.) Eles cegamente consideraram estas palavras como uma alusão desrespeitosa a seu templo, uma estrutura erigida por mãos humanas, e recusaram-se a perdoar ou esquecer. Que esta veneração persistiu após a crucifixão de nosso Senhor é evidente em acusações levantadas contra Estêvão e ainda, posteriormente, contra Paulo. Em sua fúria assassina, o povo acusou Estêvão de desrespeito para com o templo e apresentou falsas testemunhas que atestaram em perjúrio: 'Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra êste santo lugar.' (Atos 6:13.) E Estêvão foi contado entre os mártires. Quando se proclamou que Paulo trouxera com êle, aos recintos do templo, um gentio, a cidade tôda agitou-se e a turba enfurecida arrancou Paulo do local e procurou matá-lo. (Atos 21:26-31.)" — *House of the Lord*, pp. 60, 61, do autor.

7. *Alguns dos "príncipes" creram.* — Nicodemos não foi o único dentre a classe governante a crer em Jesus; mas a respeito da maioria dêsses nada sabemos que indique terem tido coragem suficiente para vir, mesmo na noite, formular perguntas independentes e pessoais. Eles temiam as conseqüências em termos de perda de popularidade e posição. Lemos em João 12:42, 43: "Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nêle, mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga. Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus." Note-se também o caso do escriba que propôs tornar-se discípulo professo, mas, provavelmente devido a algum grau de insinceridade ou indignidade, foi mais desencorajado que aprovado por Jesus. (Mat. 8:19, 20.)

8. *Nicodemos.* — O caminho seguido por êste homem evidencia, a um só tempo, que êle realmente cria em Jesus como o enviado de Deus e que sua crença falhou no desenvolver-se em verdadeira fé, a qual, se alcançada, não o poderia levar senão a uma vida de serviço devotada à causa do Mestre. Quando, num palco maior que o dessa entrevista com Cristo, os príncipes dos sacerdotes e fariseus censuravam

os oficiais, a quem tinham enviado para tomar Jesus sob custódia e que retornaram relatando seu fracasso, Nicodemos, membro do conselho, aventurou-se a protestar dêbilmente contra a determinação assassina dos principais, citando uma proposição geral na forma interrogativa: "Porventura condena a nossa lei um homem sem primeiro o ouvir e ter conhecimento do que faz?" Seus pares responderam-lhe com desdém e êle parece ter abandonado seu esforço bem intencionado (João 7:50-53; leia os versículos precedentes 30-49). A seguir, ouvimos referência dêle trazendo uma custosa contribuição em mirra e aloés — cerca de cem libras — para serem usados no sepultamento do corpo de Cristo, então crucificado; mas mesmo nesse ato de liberalidade e devoção, no qual sua sinceridade de propósito não pode ser questionada, havia sido precedido por José de Arimatéia, um homem de posição social, que destemidamente solicitara e garantira para o corpo um sepultamento reverente (João 19:38-42). Contudo, Nicodemos fez mais que a maioria de seus associados crentes dentre os nobres e graduados; e a êle seja todo o crédito dado; não lhe falhará seu galardão.

9. *"Os judeus" ou "um judeu."* — Lemos que levantou-se uma questão entre alguns dos discípulos de João e os judeus com respeito à purificação" (João 3:25). Tendo em mente que a expressão "judeus" é muito comumente empregada pelo autor do quarto Evangelho para designar os oficiais ou príncipes do povo, a passagem citada pode ser interpretada como significando que os discípulos de João tinham-se empenhado em discussão com os príncipes dos sacerdotes. É sustentado, contudo, pelos exegetas bíblicos em geral que "o judeu", nesta passagem, é um erro de tradução e que o verdadeiro sentido é "um judeu". A disputa com respeito à purificação parece ter sido suscitada entre alguns seguidores de João Batista e um só oponente; e a passagem, como aparece na versão do Rei Tiago da Bíblia, é um exemplo de escritura não traduzida corretamente.

10. *Amigo do Noivo.* — O casamento judaico nos dias de Cristo requeria a escolha de um padrinho de bodas, que atendia a todos os preliminares e fazia preparativos para a festa do casamento, em lugar do noivo. Ele era conhecido distintamente como o amigo do noivo. Quando os requisitos cerimoniais eram satisfeitos, e a noiva era, legal e formalmente, dada a seu espôso, a alegria do amigo do noivo se cumpria uma vez que seus deveres haviam sido executados com sucesso. (João 3:29) De acôrdo com Edersheim, (*Life and Times of Jesus the Messiah*, vol. I, p. 148), segundo os hábitos mais simples prevalecentes na Galiléia, o "amigo do noivo" muitas vêzes não era escolhido; e (pp. 663-4) a expressão "filhos das bodas" (Mat. 9:15; Mar. 2:19; Lucas 5:34, em cujas citações tôda a expressão é empregada por Jesus) era aplicado coletivamente a todos os convidados dos esponsais. Diz êle: "Como a instituição do 'amigo do noivo' prevalecia na Judéia, mas não na Galiléia, esta distinção de 'amigo do noivo' nos lábios do judeu João e "filhos das bodas" nos do galileu Jesus é em si mesma evidência de exatidão histórica."

11. *A moeda do resgate.* — No curso do êxodo, o Senhor requeria de todo o varão em Israel, de vinte ou mais anos de idade ao tempo do censo, o pagamento de um resgate, montando a meio siclo (Êx. 30:12-16). Ver o cap. 24 desta obra. Quanto ao uso para o qual seria empregado êsse dinheiro, o Senhor assim orientou a Moisés: "E tomarás o dinheiro das expiações dos filhos de Israel, e o darás ao serviço da tenda da congregação; e será para memória aos filhos de Israel diante do Senhor, para fazer expiação por vossas almas." (Êx. 30:16; ver também 38:25-31). Com o tempo, essa taxa de meio siclo, equivalente a um beca (Êx. 38:26), veio a ser coletada anualmente, apesar de que para tanto nenhuma autoridade de escritura fôsse citada. Essa taxa não deve ser confundida com a moeda da redenção, montando a cinco siclos por cada primogênito varão, cujo pagamento isentava o indivíduo do serviço nos trabalhos do santuário. Em lugar dos primogênitos varões de tôdas as tribos, o Senhor designara os levitas para êsse ministério especial; entretanto, êle continuava a conservar os primogênitos varões como particularmente seus e requeria o pagamento de um resgate como sinal de sua redenção dos deveres de serviço exclusivo. Ver Êx. 13:2, 13-15; Núm. 3:13, 40-51; 8:15-18; 18:15, 16; ver também o cap. 8 desta obra.

# Com a Palavra a Missão Sul

## “CHAVES DA LIDERANÇA”

As “chaves” da liderança progressista e bem sucedida na Missão Brasileira do Sul foram recentemente reunidas para serem modeladas, trabalhadas e polidas, preparando-se para as “posições chave” que ocupam os líderes da Missão.

Os presidentes de ramo, ou um membro da presidência, de dezenove ramos da Missão Sul, as presidências dos distritos de Joinville, Pôrto Alegre e Curitiba, bem como alguns membros do Alto Conselho de Curitiba, compareceram à Conferência de Liderança realizada nos dias 1 e 2 de maio na Capela do 1.º Ramo de Curitiba. Dezesete dos vinte e três ramos presididos por membros locais foram representados e dois dos ramos ainda sob liderança de missionários enviaram conselheiros para participarem do evento, totalizando trinta e quatro participantes.

A intensiva e rápida conferência foi presidida por Presidente Finn B. Paulsen e dirigida por Presidente Gustav Salik, primeiro conselheiro da presidência, tendo por tema: “O que torna ideal o Presidente do Ramo e como chegar a esse ponto.” Vários assuntos relativos ao tema foram designados a diversos líderes, sendo abordados efetivamente e complementados pelo uso de auxílios visuais. No sábado à tarde, depois de um almoço especial, a conferência foi encerrada e os participantes regressaram às suas “regiões-chave” para abrir a porta do progresso a seus ramos, através de liderança mais eficaz e cheia de êxito.



Julho de 1964

## A CAMINHO DO SUCESSO

A Primária da Missão Brasileira do Sul fez realizar uma magnífica conferência nos dias 22 e 28 de fevereiro. O propósito dessa conferência foi o de mostrar a cada líder e trabalhadora da Primária a sua responsabilidade, e como desempenhá-la. Esta conferência começou às 8 horas da manhã e continuou pelo dia até às 16 horas. Foram horas de inestimável valor, pois aprendemos inúmeras coisas a fim de melhor apresentarmos os programas. Dentre essas coisas podemos ressaltar a Apresentação de uma Primária Ideal, Como Solucionar Problemas, Ensaio de



Canções, Hora Familiar e outras de grande proveito.

Tivemos também um concurso, no qual foi escolhido o melhor histórico, e venceram o 3.º Ramo de Curitiba e o Ramo de Alegrete, conquistando assim um prêmio. Tivemos também a oportunidade de apreciar uma muito bem elaborada exposição no salão recreativo do 1.º Ramo de Curitiba e do 1.º Ramo de Pôrto Alegre, locais onde foram realizadas as conferências nos dias 22 e 28. Essa exposição teve o propósito de mostrar o que está disponível a cada professora, secretária, presidente, conselheira ou outro oficial da Primária.

Nessa conferência foi preparado e servido um saboroso almoço, pelas dedicadas e incansáveis irmãs da Sociedade de Socorro dos Distritos de Curitiba e Pôrto Alegre.

Podemos com satisfação dizer que foi uma magnífica conferência.



## EM CONFERÊNCIA

Uma Conferência de Liderança da A.M.M. foi promovida em Curitiba, sede da Missão Brasileira do Sul, a 31 de janeiro e 1.º de fevereiro passados. Líderes das partes mais distantes da missão acorreram a participar dos programas, tendo o que veio de Uruguiana, cidade próxima da fronteira da Argentina, viajado dois dias para chegar ao local.

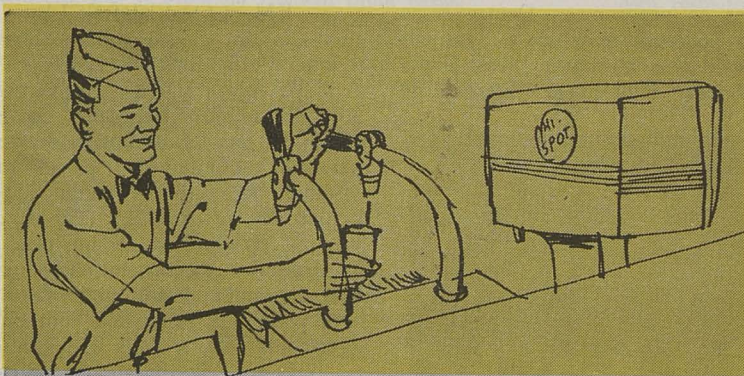
O programa principiou com o registro dos participantes e a apresentação de um “Festival no Far-West”, com decorações típicas, um verdadeiro carroço coberto, balões, índios e caras pálidas, jogos e quadrilhas. Mais de 100 líderes participaram da programação.

Na manhã seguinte, todos tiveram a oportunidade de ouvir conselhos e orientações do Presidente da Missão. Disse-lhes ele que deveriam fazer mais que apenas freqüentar a A.M.M. Deveriam seguir a outra milha de que falou o Senhor, a fim de merecer as bênçãos do evangelho, sendo ativos em todos os programas da Igreja, laboriosos e dedicados.

Para que todos pudessem estabelecer elevados padrões para suas organizações, foi apresentada uma A.M.M. Ideal e todos os materiais requeridos para o bom andamento dos trabalhos nos ramos foi fornecido juntamente com orientações específicas à liderança. Após completado o programa, foi passado um questionário, a fim de que todos pudessem avaliar seu progresso. A nota alta da Conferência foi o batismo realizado pelos Élderes, de um amigo de um membro, que viera de São Paulo para assistir os programas.

«SE EU  
FÔSSE  
VOCÊ»

por  
O. Leslie Stone



**Sacerdócio**  
**nas**  
**Missões**



*Se eu fôsse você teria o máximo de cuidado ao escolher minhas companhias. A influência de nossos amigos e companheiros é, na verdade, muito grande. O ditado de que uma maçã podre em um caixote pode estragar as outras é realmente verdadeiro. As ações e ideais daqueles com quem nos associamos não podem ajudar, mas têm uma profunda influência em nossas vidas e ações tanto para o bem como para o mal.*

Certa vez foi perguntado ao dr. Ralph Bunche das Nações Unidas: "A que fator o senhor atribui seu sucesso?" e sua resposta foi: "Aprendi a andar em companhia de Boas Pessoas."

*Se eu fôsse você faria todo esforço para estabelecer bons hábitos de trabalho. Isto é importante em todos os sentidos, tanto no trabalho, em casa, como na Igreja. Um menino preguiçoso em casa será preguiçoso na escola, será um missionário e empregado preguiçoso.*

Uma pessoa pode adquirir bons hábitos apenas realizando o trabalho na hora em que precisa ser feito, aplicando diligência razoável e se orgulhando com uma boa realização. O hábito de sermos aplicados, cuidadosos e esmerados em tudo que fazemos é essencial para o desenvolvimento de bons hábitos de trabalho.

*Se eu fôsse você daria atenção cuidadosa a minha aparência pessoal. Uma boa escovada é importante para todos nós durante toda a nossa vida.*

Isto não significa que temos que nos vestir sempre com as "roupas de domingo". Podemos usar roupas de acôrdo com a ocasião. A limpeza também é essencial para uma boa aparência.

*Se eu fôsse você, faria todo esforço possível para ser honesto em todos os negócios.* A honestidade é um dos atributos mais importantes de um jovem. Meninos e homens nos quais se pode confiar são sempre apoiados em capacidades de liderança. Nosso Pai Celestial considerou tão importante que colocou entre um dos Dez Mandamentos "Não roubarás".

Para sermos honestos não devemos apenas não roubar, mas ser honestos no trabalho pelo qual recebemos. Quando alguém desleixa o seu trabalho está "roubando" tempo de seu patrão e isto é quase tão mau quanto roubar mercadoria. Se um homem desperdiça trinta minutos num dia, é equivalente a três semanas e meia de trabalho num ano.

A honestidade também inclui o respeito de palavra ou contrato. É importante manter sempre em dia os pagamentos ou avisar o credor de qualquer atraso involuntário. Boa reputação é essencial para o sucesso. Seja cuidadoso, procurando viver dentro de seu orçamento. Se você gastar mais do que ganha será mais difícil evitar as tentações.

Se formos honestos em nossos pequenos negócios, adquiriremos o hábito de honestidade, e, então, acha-

remos mais fácil sermos honestos quando tivermos que empreender grandes transações.

Seja honesto com o Senhor pagando seus dívidos e ofertas, tornando-se assim merecedor das grandes bênçãos que estão prometidas aos que cumprem as leis. Sobretudo, seja honesto consigo mesmo em tôdas as coisas e honesto com o próximo.

*Se eu fôsse você, estabeleceria metas que desafiariam minha melhor capacidade.* Uma pessoa não obtém muito nesta vida se não houver estabelecido metas. O estabelecimento de objetivos é um processo contínuo na vida. Podemos olhar o futuro e planejar a semana, mês ou ano próximos.

Tenha objetivos elevados, senão você atingirá uma "média" que é a melhor das piores e a pior das melhores. Não seja um indivíduo sem rumo. Torne-se um mestre de seu destino.

*Se eu fôsse você, seria ativo no sacerdócio e outros programas da igreja.* A atividade na Igreja e o aproveitamento das oportunidades de aprender, desenvolver e agir é muito importante nesta vida e necessária para se obter salvação no reino celestial de nosso Deus.

A Igreja providencia oportunidades ilimitadas para que aprendamos e nos desenvolvamos através do Sacerdócio, Escola Dominical, AMM, Reunião Sacramental e outras. É preciso esforço de nossa parte para aproveitarmos

essas oportunidades. Ninguém nos pode dar um testemunho ou conhecimento. Nem comprar êsses tesouros.

Eu firmemente acredito que você pode ser o que deseja na vida. O que você precisa fazer é estabelecer objetivos e então trabalhar e se sacrificar o necessário para alcançar seu destino. Vale a pena esforço. Os maiores sucessos e alegrias do homem são resultado da "obediência aos mandamentos". Uma das minhas escrituras favoritas encontra-se em Mateus 6:33:

"...buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas."

#### O. LESLIE STONE

*O. Leslie Stone é presidente da Estaca de Oakland-Berkley, responsável pelo programa de bem-estar da região de Oakland e também vem desempenhando as funções de presidente do Distrito de Oakland Temple.*

*Casou-se com Dorothy Cobbley no Templo de Salt Lake, em 23 de abril de 1924. Sua família é formada por quatro rapazes.*

*O Presidente Leslie Stone é cofundador e também presidente da junta da Skaggs-Stone, Inc., distribuidores atacadistas de mercadorias em geral. É o ex-vice-presidente da Safeway Stores, Inc.*



**Se educar é preparar para a vida, educar para o trânsito é poupar vidas.**

12.<sup>a</sup> Regra de Fé da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias:

*Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei.*

## Utilize melhor as estradas de rodagem

Elas foram construídas dentro da técnica moderna para lhe proporcionar conforto, segurança e uma boa viagem.

Sempre que sair para as estradas, deve verificar as condições do seu veículo, os freios, o equipamento elétrico e, principalmente, os faróis e limpadores de parabrisa. Isto sem contar que o seu automóvel deve levar sempre o pneu de estepe e as ferramentas para uma eventual reposição.

Durante sua viagem, você deve conduzir o veículo sempre do lado direito, deixando o lado esquerdo para os que desejam e necessitam desenvolver maior velocidade. Observe a sinalização. Ela existe nas estradas para a sua orientação. Respeite também as velocidades limitadas pela autoridade. Quando se limita em um trecho da estrada a velocidade é porque existem razões de ordem técnica. Às vezes a pista está em obras e você, respeitando a sinalização, estará evitando um acidente. Entretanto, quando isso ocorrer por imprudência de outros, procure não congestionar a pista, deixando acesso livre para os veículos que prestam socorros. De preferência, nesses casos, obedeça sempre a orientação dos guardas rodoviários. Não faça viagens longas e cansativas. Procure fazer algumas interrupções nos postos de serviço ou restaurantes, e mesmo em pontos de atração paisagística, para descansar, recuperar energias e diminuir a tensão.

Não permita que os demais ocupantes do seu veículo, durante a viagem,

façam sinais desnecessários. Eles criam confusão porque é através dos sinais que conversamos com os motoristas dos outros veículos.

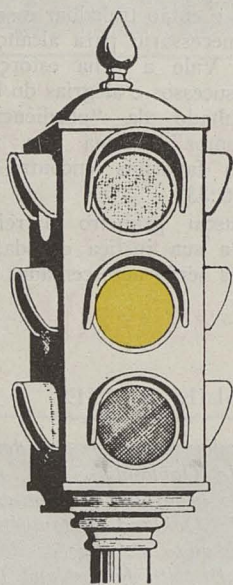
Não pare na pista e, se tiver de fazê-lo, sinalize o seu veículo com as lanternas vermelhas. Mesmo que seja o caso de se ter furado um pneu, convém encostar ao meio fio. Aí você estará tranqüilo e procederá sem precipitação aos reparos necessários.

Durante a viagem, ao cruzar com os seus colegas motoristas, dê luz baixa ao seu veículo, evitando assim o ofuscamento, tão perigoso e causador de desastres. Ao ultrapassar um outro veículo na estrada, não o faça nunca de forma improvisada. Procure fazê-lo onde haja plena visibilidade; nunca nas curvas ou lombadas; mesmo que esses locais não estejam sinalizados, ali está o imprudente. Seja cauteloso e use o bom senso. Uma boa parcela dos sucessos e das alegrias que as viagens proporcionam dependem sempre do comportamento dos motoristas nas estradas.

A imprudência é inimiga da perfeição. Seria o ideal se tivéssemos motoristas perfeitos e não imprudentes. Cada um de nós pode dar a sua contribuição para que as estradas não enludem lares e ceifem vidas.

Vamos respeitar as regras de trânsito; vamos dirigir o nosso veículo com segurança; vamos aproveitar o conforto que as estradas modernas nos proporcionam. Utilize bem as estradas. Faça uma boa viagem.

Colaboração da D.S.T.

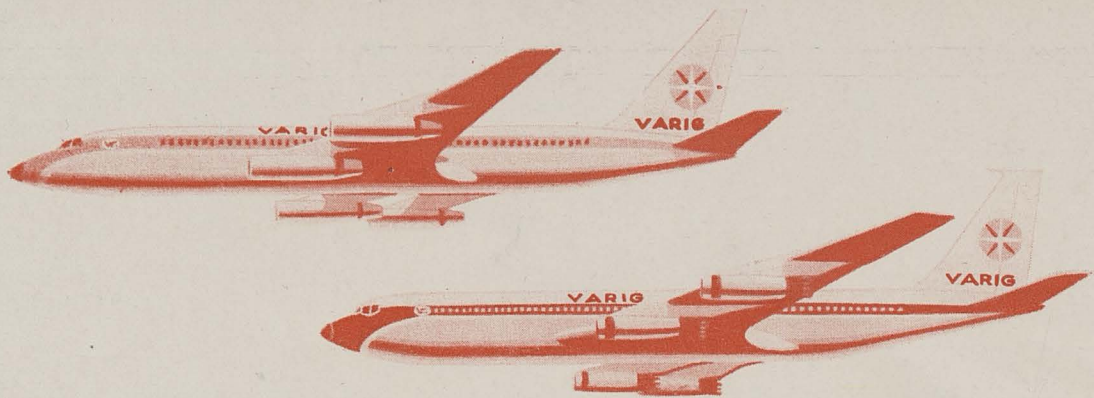


# BUSCA

Eu também me quedei à velha margem  
do tanque de Betesda. Em febre o meu  
olhar hipnotizou a superfície  
na busca insaciável do terníssimo  
e puro roçagar das asas brancas.  
Perdi-me na procura de mim mesma  
rodando a desmemória de outra vida  
e as pálpebras exangues se apagaram  
enfeitadas de limos e marsílias.

Tanto tempo correu que não senti  
o vôo de Tuas mãos em meus cabelos  
mas, quando retornei, o sol rasgara  
os múltiplos neurônios da água turva  
em límpidas filandras de safira.  
Foi então que os nenúfares da crença  
deixados por Teus passos invisíveis  
boiaram no ostracismo dos meus dias.

*Jane Arduino Perticarati*  
("O Tanque de Betesda")



## UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS ESTADOS UNIDOS POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA LOS ÁNGELES, MIAMI E NOVA YORK – COM OU SEM ESCALAS – A VARIG TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CONEXÕES PARA UTAH OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS. RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

# VARIG

REC'D 28 JAN

COOPERE COM O ESFÔRÇO DO GOVÉRNO POUPIANDO DIVISAS, VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG – A PIONEIRA.

